

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Prof. Dra. Julie CAVIGNAC

RELATÓRIO FINAL

DA PESQUISA

MEMÓRIAS DE MIGRANTES

**PESQUISA ETNO-LITERÁRIA DE UMA COMUNIDADE DA
ZONA NORTE DA CIDADE DE NATAL**

**FINANCIAMENTO CNPQ
BOLSA DE RECÉM DOUTOR (1994/1996)**

MARÇO DE 1997

INTEGRANTES DA PESQUISA

COORDENADORA : Profa. Julie A. CAVIGNAC

BOLSISTAS :

ARLENE ISABEL VENÂNCIO DE SOUZA

JOSENILDA ANDRÉA DA SILVA

VOLUNTARIO :

THADEU BRANDÃO (PET - C. SOCIAIS)

SUMÁRIO

Introdução

- I Resultados da pesquisa sobre o sertão
- II Cronograma de execução

OS MIGRANTES DA ZONA NORTE

I Objetivos e metodologia da pesquisa

- 1 1 Objetivo geral
- 1 2 Objetivos específicos
- 1 3 Proposta teórico-metodológica
 - 1 3 1 Fundamentos teóricos
 - 1 3 2 Dificuldades metodológicas
- 1 4 Pistas para a pesquisa

II Migração e crescimento urbano

- 2 1 História das migrações
- 2 2 Os migrantes da Zona Norte
 - 2 2 1 Estratégias e trajetórias de migrantes
 - 2 2 2 A Zona Norte: histórico e mudanças

III Vidas migrantes

- 3 1 Tipos de migração
- 3 2 O relato da migração
- 3 3 A(s) volta(s)

IV Narrativas e poesia

- 4 1 O lugar da poesia na cultura dos migrantes
 - 4 1 1 Formas poéticas
 - 4 1 2 Poesia e poetas migrantes
- 4 2 As histórias da Zona Norte
 - 4 2 1 Igapó e o começo da Zona Norte
 - 4 2 2 A maldição de Frei Damião
- 4 3 O lugar de origem
- 4 4 A infelicidade em prosa e verso

V CONCLUSÕES

BIBLIOGRAFIA

1 - INTRODUÇÃO

Uma pesquisa sobre as produções narrativas dos migrantes oriundos do sertão, morando numa zona peri-urbana da capital do estado do Rio Grande do Norte (Zona Norte, Natal, Rn.) pretende examinar as transformações de uma cultura 'tradicional' num contexto urbano. Graças a pesquisa etnográfica e a colheita de um *corpus* essencialmente narrativo, a realidade quotidiana dessa população recém urbanizada será analisada. Os textos colhidos -'performados' ou escritos- serão selecionados de acordo com o tema da pesquisa e serão confrontados aos seus contextos de enunciação ou de produção específicas. Assim, se pode entender os textos depois da comparação com as outras criações culturais como as várias formas de poesia, as rezas, as praticas medicinais, a percepção do espaço, as festas de padroeiro, as romarias, etc. Mesmo pertencendo a outros níveis da cultura, essas criações simbólicas adotam quase sempre a forma de narrativas, cujas estruturas já são conhecidas.

Parece então interessante usar um método único para analisar todas as produções culturais de uma sociedade. Esses resultados empíricos serão analisados junto aos da pesquisa sobre o sertão na perspectiva de uma análise comparada.

I RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE O SERTÃO

A partir de uma pesquisa centrada nos principais itens da cultura do sertão nordestino, foram definidas as ligações que unem uma literatura escrita específica - a dos folhetos de cordel - com a tradição oral. A recorrência de alguns temas chaves - encontrada graças a análise dos textos - é ligada à profunda homogeneidade das narrativas. A existência de um número limitado de esquemas narrativos, deixa pensar que existe uma matriz que gera constantemente novas histórias. As narrativas, reduzidas às suas unidades elementares, podem então ser comparadas para deixar claro um tratamento dos fatos específicos e uma interpretação bastante estável dos eventos, elaborações simbólicas que pertencem à cultura local.

Cruzando os diferentes níveis de realidade - observada, vivida e contada pelos próprios atores - é possível descrever a cultura sem que ela perca seu aspeto dinâmico. Se existe uma organização e uma encenação bastante estável do conjunto das

expressões simbólicas de uma cultura - que opera constantemente seleções - o estudo comparado entre os diferentes níveis de realidade pode ser efetuado.

Se consideramos então o folheto como uma versão oral de um texto escrito e também como um discurso sobre a realidade social, elaborado pelos atores, então, no escrito ou no oral podemos coletar no mesmo tempo um texto - ou as suas diferentes versões, dentro dos seus diferentes contextos -, uma explicação da narrativa e o que se chama do “discurso indígena”; tudo que existe ao redor do texto ou do tema abordado.

Podemos avançar três hipóteses:

1 - A comparação entre o escrito e o oral é possível porque o folheto pode ser considerado como uma versão escrita da tradição oral

2- O estudo das formas narrativas - quando são estudadas nos seus contextos de enunciação - permite conhecer o lugar e a importância da oralidade na cultura sertaneja e na sua transmissão

3- As narrativas deixam transparecer uma representação do mundo bastante original, uma concepção inédita da história mas também uma lógica de interpretação dos eventos

Para verificar essas hipóteses foi preciso constituir um *corpus* de textos: 500 folhetos e romances que foram coletados no nordeste entre 1988 e 1993, folhetos 'clássicos' publicados nas coletâneas e nas antologias, 100 textos orais colhidos durante a pesquisa de campo no sertão do RN - Seridó e Oeste - entre 1990-91. Depois, fiz um cruzamento dos dados etnográficos com os elementos mais importantes após a análise dos textos; enfim tentei dar uma explicação global do fenômeno e quis mostrar a coerência interna entre os diferentes itens da cultura. É por isso que organizei o meu trabalho em três grandes capítulos: a história e a visão do passado, a vida cotidiana e o universo sobrenatural.

Na primeira parte, estudei as origens (índios, europeus e negros) através os textos orais, as genealogias familiares e as lendas de fundação das cidades. Desenhou-se uma representação original do tempo e uma elaboração da identidade girando sempre em torno de uma figura santa. Na análise da sociedade 'tradicional', insisti sobre as histórias tratando da civilização do couro e do banditismo, e apareceu o triângulo heróico -

Fazendeiro / Vaqueiro / Cangaceiro -, figuras históricas que entraram no complexo narrativo e no universo das representações sertanejas.

A vida cotidiana foi abordada através da análise dos romances de amor e de valentia, examinei o mundo das mulheres e dos homens, o destino, o trabalho, os modelos de relações familiares e sociais, as razões do desordem e os seus restabelecedores - os profetas, as rezadeiras e os curandeiros - que fornecem explicações ou remédios às disfunções (doença, seca, bruxaria, etc.). Daí a explicação sobre a existência de uma ligação direta entre as “incondutas” humanas e a desordem biológica ou cósmica.

No capítulo que diz respeito ao mundo sobrenatural, examinei as grandes figuras históricas da religiosidade sertaneja - Frei Vidal, Padre Cícero, Frei Damião, etc. - bem como a importância dos missionários e dos movimentos messiânicos na formação da religião popular. Foi preciso também analisar os cultos e a sua significação, as formas de relacionamento com os santos e, especificamente com os mortos especificamente o papel das almas penadas como mensageiras semidivinas. Enfim, tentei desenhar as linhas gerais da cosmologia sertaneja, onde uma harmonia entre os diferentes elementos é sempre procurada.

Para realizar esse estudo, várias dificuldades surgiram: primeiro, existe, ao mesmo tempo, muito e pouca coisa escrita sobre o sertão em geral e sobre o interior do Rn, em particular. A falta de monografias históricas ou de pesquisas etnográficas impede uma visão clara da região e da organização da sociedade. Por outro lado, os estudos - que foram realizados quase sempre pelos representantes das elites regionais - trataram dos mesmos problemas: a origem européia da cultura do sertão, a seca, os cangaceiros, e, afinal, a poesia e a literatura de cordel.

Foi preciso fazer um trabalho crítico dessas fontes eruditas antes de poder usa-las. Além disso numerosas dificuldades metodológicas surgiram : quando pretende fazer uma comparação entre o escrito e o oral, é necessário adotar uma perspectiva pluridisciplinar. Usando os métodos da indagação etnográfica, tem que examinar os trabalhos elaborados pelos especialistas da literatura oral e da literatura popular - para o método da análise dos textos - bem como é preciso usar as fontes e os resultados da história e, particularmente da história oral.

A combinação dessas três perspectivas - Etnologia / Literatura / História - me parece importantíssima para elaborar um método adaptado ao objeto de pesquisa e à realidade social do sertão do Rio Grande do Norte.

Quatro principais resultados podem ser lembrados:

Primeiro, as narrativas - escritas ou orais - modelizam a realidade social passada o atual, porque os textos apresentam uma encenação codificada pela cultura das situações próprias à sociedade sertaneja e porque, sobre um outro ponto de vista, os textos propõem esquemas que permitem recompor e resolver, à um nível lógico, as situações da vida real que são muitas vezes conflituosas. Como, por exemplo as tensões políticas, as desigualdades sociais, as relações familiares ou, enfim, as representações do passado.

Segundo, constatar uma grande recorrência temática como descobrir a existência de um número limitado de esquemas narrativos, permite a descoberta de uma organização homogênea dos itens da cultura. Se a maneira pela qual os sertanejos organizam o seus discursos permite o acesso a configuração geral da cultura, então algumas formas narrativas correspondem a um conteúdo cultural definido e permitem descobrir as categorias lógicas pertinentes para compreender a visão do mundo dos sertanejos.

Enfim, graças a uma pesquisa sobre a produção narrativa de uma sociedade particular é possível ter acesso aos níveis implícitos da cultura ou aos assuntos problemáticos como por exemplo as práticas medicinais ou a questão da propriedade da terra. Além disso, com uma pesquisa deste tipo é possível descobrir uma “lógica da cultura”: seguindo um movimento dialético, essa lógica cultural teria a capacidade de organizar o pensamento e, no mesmo tempo, poderia integrar a novidade; assim a cultura se reproduz e se modifica na ação (SAHLINS 1989: 7-19).

Constatar a existência de uma cultura coerente é uma das provas mais fortes da vitalidade da tradição e da sua constante recomposição. Assim, quando se compara os textos produzidos com as outras formas de elaborações simbólicas como por exemplo o rito, se vê que há, em todos os níveis, uma insistência sobre uma necessária harmonia entre as diferentes ordens do universo, ou seja, entre o mundo dos homens, a natureza, o mundo sobrenatural. A recorrência de alguns temas chaves bem como a dos esquemas narrativos dá mais força à imagem de uma homogeneidade do sistema cultural onde todos os elementos estão interdependentes.

Assim, as histórias de vida dos santos que apresentam exemplos de santificação por meio de milagres, adotam uma estrutura narrativa bastante regular. Depois da análise das histórias sagradas, os santos aparecem sempre como seres

humanos, pessoas - boas ou ruins, doentes ou não, muito religiosas ou sem fé, etc. - que morreram de repente na natureza selvagem ou depois de um grande sofrimento, abandonados por todos. Enfim, quase sempre, esses indivíduos não foram enterrados de uma forma correta. Então as suas almas voltam pedir rezas aos vivos ou suas estátuas aparecem aos homens - geralmente vaqueiros ou caçadores - que vão construir um santuário. Recolhemos assim várias histórias que seguem mais ou menos o mesmo esquema: São Cipriano, Na. Sra. dos Impossíveis, São Francisco, Jararaca, e outros santos locais.

Afinal, fiz a demonstração que a comparação entre o escrito e a oralidade era possível; oral e escrito que, geralmente, são considerados como processos fundamentalmente opostos (GOODY 1978, 1986). Porém, no caso dos folhetos e da tradição oral, é possível colocar num mesmo nível essas duas formas discursivas, porque o cordel e a tradição oral funcionam de modo similar, do ponto de vista da produção ou da transmissão que é essencialmente oral, mesmo no caso dos folhetos.

Assim, no escrito, é possível reencontrar a marca da oralidade: existem diferentes versões de um mesmo texto, diferentes autores ou edições existem para uma mesma estória ou existem vários folhetos escritos sobre um mesmo tema. Existe também um grau elevado de formalização das narrativas, no oral como no escrito. Por fim, nos folhetos, a utilização de fórmulas ou de expressões da língua cotidiana produz uma certa “mobilidade” do texto escrito quando a história é memorizada ou quando é rescrita por um outro poeta. Então, a escritura pode ser considerada como um complemento ou um prolongamento da oralidade. Fica difícil separar um do outro do ponto de vista da forma, dos temas abordados ou mesmo dos “produtores” das narrativas.

Se o método etnográfico, associado à colheita das narrativas e à análise das expressões simbólicas é um caminho rico para descrever a cultura do interior do RN, esta perspectiva deve ser testada num outro universo social, como o dos migrantes da Zona Norte.

II CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividades de set/94 a ago/95, conferir o relatório parcial.

Setembro/95

- Curso de extensão “Teoria e Prática da Oralidade Poética”, organizado pelo Mestrado de Letras e ministrado pela prof.a. Dra. Idelette Muzart Fonseca dos Santos com o apoio da prof.a. Dra. Julie Antoinette Cavignac.
- Palestra na IV Semana de Humanidades e V Seminário de Pesquisa do CCHLA
- Animação do Seminário “Mito, História e Narrativa” (durante o semestre inteiro), Mestrado em C. Sociais e Pós graduação em estudos da linguagem
- Revisão bibliográfica

Outubro/95

- Organização do curso “História de vida e método biográfico nas Ciências Sociais”, Mestrado de Ciências Sociais e ministrado pelo prof. Robert Cabanes com a colaboração d’Helena Kume.
- Revisão Bibliográfica
- Treinamento das bolsistas
- Discussão e elaboração do roteiro da pesquisa

Novembro/95 :

- Organização do “III Seminário de Literatura do Povo”, tema : ‘Imagens do Sertão’
- Revisão Bibliográfica
- Primeiros contatos
- Teste do roteiro e reelaboração
- Treinamento das bolsistas

Dezembro/95 :

- Revisão Bibliográfica

- Início da pesquisa de campo

(Janeiro, Fevereiro, Março, Abril/96 :Licença de maternidade)

Maio/96 :

- Avaliação dos primeiros resultados
- Pesquisa de campo (retomada)
- Contatos com especialistas no assunto

Junho/96 :

- Pesquisa de campo
- Leituras especializadas

Julho/96 :

- Correção do manuscrito “La littérature de colportage au nord-est du Brésil” a ser publicado pelas edições do CNRS, Paris (França) em maio de 1997.
- Pesquisa de campo

Agosto/96

- Discussão e Avaliação do Projeto
- Elaboração do relatório parcial

Setembro/96

- Integração nos quadro funcional da UFRN
- Revisão Bibliográfica
- Apresentação de uma palestra : “Memórias de vida e narrativas : Memórias de migrantes da Zona Norte de Natal - RN”, *IV Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais*
- Organização do curso de extensão : *Curso de atualização em Ciências Sociais (de setembro a dezembro)*

Outubro/96

- Avaliação das entrevistas
- Pesquisa de campo (voltas para esclarecer alguns pontos)
- Leituras especializadas

- Organização do Ciclo de Estudos sobre a festa em colaboração com a Profa. Luciana Chianca (de outubro/96 até dezembro/97).

Novembro/96

- Palestra : “Memórias de migrantes, primeiros resultados. Estudo etno-literário dos migrantes da Zona Norte”. , V Semana de Humanidades da UFRN

- Pesquisa de campo

Dezembro/96

- Participação da banca de seleção do Mestrado em C. Sociais

- Pesquisa de campo

- Leituras especializadas

Janeiro/97 :

- Palestra : “Festas e penitências no sertão”, *Ciclo de estudos sobre a festa*

- Pesquisa de campo

- Leituras especializadas

- Elaboração do relatório final

Fevereiro/97

- Elaboração do relatório final

- Leituras especializadas

Março/97

- Elaboração do relatório final

- Discussão e Avaliação do Projeto

OS MIGRANTES DA ZONA NORTE

I OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

1.1 Objetivo geral

Por meio de uma pesquisa etnográfica realizada junta à coleta das narrativas nas comunidades da Zona Norte da cidade do Natal (Rn.), é possível reconstituir o universo cultural dos migrantes a fim de compreender a dinâmica social do nordeste e as práticas de seus atores. A tradição oral, incluindo as criações narrativas e poéticas bem como a literatura de cordel são consideradas enquanto suporte oral/escrito de um patrimônio cultural, legitimação de uma identidade regional, veículo das representações coletivas. São também os modos de expressão de uma memória viva, sempre reatualizada em termos locais pelos atores; memória que lembra um passado mas também um lugar de origem.

Uma pesquisa sobre as produções narrativas de migrantes morando na Zona Norte, propõe avaliar a transformação de uma cultura dita tradicional (a dos habitantes do campo) num contexto urbano. É possível também, comparar as representações ligadas à partida e ao exílio : quando se faz uma análise dos folhetos de cordel junto às narrativas orais e às histórias de vida, constata-se a existência de um tratamento normativo do tema e desenha-se, pouco a pouco, um discurso comum sobre a desgraça. Enfim, se acrescentar ao estudo uma pesquisa etnográfica, é possível avaliar a importância das mudanças ocorridas na composição do *corpus* narrativo : memorização ou esquecimento da estórias da “tradição”, criações poéticas, sumiço dos folhetos de cordel, etc. Da mesma forma, é possível perceber as mudanças na vida cotidiana dos novos moradores da cidade e dos migrantes mais antigos da Zona Norte. Afinal, é a ocasião de propor uma leitura cruzada dos textos orais e escritos, da realidade dos migrantes, dos seus discursos e da suas narrativas.

1 2 Objetivos específicos

1 - A pesquisa etnográfica/literária realizada na Zona Norte da cidade do Natal permite compreender como a memória nos informa acerca das práticas culturais dos migrantes.

2 - A compreensão dos processos empregados na elaboração, bem como no conteúdo das narrativas, informa à respeito da resistência e da capacidade de transformação de uma cultura “tradicional” no meio urbano .

3 - O resgate da memória dos migrantes - feita junto à coleta dos textos (orais/escritos) - visa informar sobre a identidade social e cultural, a representação do tempo e do espaço, o modo de viver e as praticas quotidianas dos atores da migração.

4 - Um tal estudo vai esclarecer uma realidade social pouca conhecida, a da população migrante ou recém urbanizada morando nas zonas periféricas das capitais nordestinas, incluindo os nordestinos tendo vivido uma migração de retorno.

1 3 Proposta teórico-metodológica

A abordagem pluridisciplinar - etnografia e literatura, mas também usando os resultados da geografia, da sociologia, da história, etc. - parece-nos a única via para compreender em quais termos os atores reinterpretem o presente e a modernidade; a cultura tradicional trazida do interior sendo o elemento de união através do qual vai operar-se todo um conjunto de transformações simbólicas que dão coerência ao presente e ao mundo em perpétua mudança.

1 3 1 Fundamentos teóricos

Mesmo sendo um estudo limitado a uma zona periférica, o projeto apresentou várias dificuldades. Primeiro, foi difícil reunir bastante material sobre um assunto pouco tratado, e sobretudo na antropologia brasileira ; a migração no nordeste. Além disso, não existem ainda estudos quantitativos sobre uma migração de retorno (nordestinos voltando para seus lugares de origem). Assim, mesmo se a passagem rápida do rural ao urbano é um fato econômico e histórico determinante na configuração do Brasil contemporâneo,

esse fenômeno e suas conseqüências foram avaliadas de uma maneira global por economistas, urbanistas e sociólogos que fizeram uma análise da mutação das capitais administrativas do país em pólos atrativos para migrantes oriundos de vários estados e em megalópolis perigosas. Porém esta mutação aparece na realidade muito mais complexa e pode ser dividida numa multiplicidade de mudanças mais discretas. De outro lado, raros são os estudos (antropológicos) recentes sobre a migração ; o único é o da Eunice Durham (1978). Consultamos então a bibliografia clássica sobre a sociologia e a antropologia urbana, a migração e a dinâmica social. ¹

Foi coletado a bibliografia disponível sobre o fenômeno migratório, as migrações nordestinas e os estudos existentes sobre a Zona Norte (existe poucos estudos). Surgiu então um outro tipo de dificuldade - que é ligada à composição do grupo que não aparece como uma totalidade homogênea. Os migrantes da Zona Norte não chegam a representar uma comunidade nem uma classe e até nem um grupo ; eles representam uma parte da população Natalense dividindo características comuns ; o de ter migrado pelo menos uma vez na vida e o de morar na mesma zona periférica de Natal. Porém são indivíduos que conheceram trajetórias de vida e experiências migratórias diversas. Os problemas ligados à vida periférica e à existência numa sociedade contemporânea são resumidos por Ana Maria Doimo (1995 : 91) da seguinte forma :

“O desenraizamento das massa e a atomização da existência, a complexa divisão do trabalho e a fragmentação dos papéis sociais, o apego a práticas seculares e o desencantamento do mundo, a monetarização das relações e a perda do sentimento de solidariedade, o avanço da racionalidade das instituições e o desapego às relações de tipo primário, especificamente as referidas à família e à religião.”

O migrante então aparece como um excluído social e politicamente falando (Durham 1982 : 220), que tente reproduzir no espaço urbano (como alternativa integradora) alguns dos padrões culturais que caracterizam a comunidade de meio rural. A relação indivíduo/sociedade é feita então através dos grupos de relação primárias (família, vizinhança, congregação religiosa). Aparecem como tentativas de reconstrução da sociabilidade antiga. Porém, na Zona Norte, a reunião entre vizinhos e família próxima é dificultada pela estrutura urbana dos conjuntos habitacionais. A vizinhança, às vezes é vista como perigosa no caso dos moradores dos conjuntos vizinhos à favela. De outro lado, existe uma diversidade de religiões, com a importância crescente das seitas

¹ Cf. bibliografia.

protestantes nos bairros da cidade. Porém, os indivíduos tentam suprir essas dificuldades, organizando uma vida de bairro, através da criação de pequenos comércios domiciliares (geralmente de caráter efêmero) : são bares, armazinhos, vendas de frutas e verduras, manicures, costureiras, confecção de enfeitos e comidas para festas, etc.

Um trabalho sobre a memória é então dificultado pela desintegração do grupo familiar, da comunidade de origem, e até pela mudança acontecida na identidade pessoal do locutor. Mas, de um outro lado, a memória e a narração subjetiva dos fatos permitem resgatar a versão da migração no olhar do falante. Assim, Maurice Halbwachs determina que a memória não é uma simples reprodução dos fatos e dos acontecimentos mas aparece como um produto de uma elaboração singular de um indivíduo sobre a sua própria experiência. A pessoa repensa e reelabora o passado com a visão presente. Os marcos da memória são os eventos importantes na vida de uma pessoa : casamento, nascimento dos filhos, mudança de local de moradia, de trabalho, morte de uma pessoa, etc.

Mais do que uma pesquisa em termos territoriais, a pesquisa pretende investigar sobretudo a memória dos migrantes; quer dizer traçar um perfil das múltiplas possibilidades de migração dentro e fora do estado, da zona rural para a zona urbana e vice-versa. Pretendemos então fixar a nossa atenção em histórias de vida peculiares para depois poder tirar algumas conclusões sobre as possíveis transformações de uma cultura tradicional como a das zonas rurais do Rio Grande do Norte. Para isso, temos nos inspirado na metodologia das histórias de vida desenvolvida nos trabalhos recentes de pesquisadores investigando a realidade brasileira (especificamente nordestina) e a das migrações (Menezes 1992, Cabanes 1995, Sigaud 1993, Ajara 1993). Parece que o método biográfico é o mais indicado para um estudo sobre os migrantes. Assim M. Menezes (1992 : 165) avança que

“As histórias de vida revelam universos diversos e constituem, a nosso ver, material rico para analisar como esta diversidade é elaborada por seus produtores.”

Assim, o migrante pode avaliar a sua trajetória de vida e nos podemos resgatar fatos, percepções, avaliações, perspectivas de vida, visões do mundo e opções do migrante (Menezes 1992 : 167).

1 3 2 Dificuldades metodológicas

A metodologia principalmente utilizada é a da observação participante fundada nas entrevistas e no convívio com os informantes. O resgate das histórias de vida junto à

coleta das narrativas é acompanhada de uma pesquisa etnográfica a fim de reunir o máximo de informações sobre a história da Zona Norte e sobre os migrantes do ponto de vista da suas culturas, dos seus hábitos, das suas situações ocupacionais, etc. Neste objetivo, a pesquisa de campo foi planejada e precisou constar várias fases.

Etapas da pesquisa de campo:

- 1 - Primeiros contatos (sondagem e escolha dos possíveis entrevistados, das suas moradias, dos seus empregos, etc.), escolha dos entrevistados
- 2 - Roteiro de entrevista (elaboração, teste, aplicação)
- 3 - Entrevista gravada (história de vida e narrativas), privilegiando um assunto em particular
- 4 - Retorno(s) para detalhes e novas entrevistas

Foi elaborado o roteiro para traçar o perfil dos migrantes instalados na Zona Norte, o seus trajetos, as suas ocupações profissionais, as razões da migração, os membros da família presentes no bairro, em Natal ou que já migraram para outros locais, a ligação com o lugar de origem etc. O uso do roteiro como um guia de entrevista no princípio da pesquisa foi proveitoso para treinar e familiarizar as pesquisadoras com o tema e com a metodologia utilizada mas também permitiu despertar a confiança e a fala dos entrevistados. O roteiro foi elaborado na perspectiva de sistematização e de padronização dos resultados.

Constam os itens seguintes :

- Dados de identificação pessoal e da família
- Local de nascimento e etapas migratórias (constando o local, o estado, ou a cidade e quando foi possível a data da migração)
- Razão da migração (segundo do entrevistado)
- Trabalho e/ou ocupação, moradia, membros da família morando juntos antes/durante/depois a migração
- Relato da opinião, das percepções, dos sentimentos em relação à migração
- Lembranças, fatos e “histórias do passado” : festas, relatos de acontecimentos, piadas, etc. Participação da pessoa à vida

do bairro, à um agrupamento (sindicato, grupo da igreja, partido político, etc.)

- Narrativas (com referência aos romances e folhetos de cordel)

Este primeiro momento da pesquisa permitiu a definição das linhas principais da pesquisa e a delimitação dos bairros onde se realizou a pesquisa.

- O bairro Igapó foi escolhido como sendo um dos bairros mais antigos da Zona Norte e onde se encontra uma memória mais profundo.

- Os bairros mais recentes (sobretudo conjuntos habitacionais) foram escolhidos para fins de comparação.

Nessa fase, foram feitos ainda os contatos preliminares para o estudo e foi realizado um levantamento prévio das narrativas a ser coletadas; perguntando aos locutores quais eram as histórias que eles lembravam, foram selecionados alguns temas chaves a serem aprofundados.

As principais dificuldades foram de dois tipos :

1 - Os contatos : nós contornamos as dificuldades privilegiando as ligações preexistentes (parentesco, vizinhança, afinidade, etc.), pedindo para os entrevistados indicar outras pessoas que tiveram uma experiência migratória.

2 - Durante o decorrer da pesquisa a inexperiência das entrevistadoras foi contornada pela integração relativa delas na Zona Norte (uma delas é moradora) e pela identificação delas ao tema (as duas são migrantes e são estudantes de letras).

2 Pistas para a pesquisa

Uma pesquisa sobre a cultura de uma população de migrantes pressuposta que se pergunta uma série de interrogações.

Primeiro, será que os textos colhidos - narrativas e histórias de vidas - devem ser considerados como marcas ou geradores de identidade ? Se as produções narrativas permitem perceber uma interpretação e um tratamento específico dos fatos, e, por consequência atingir uma "lógica da cultura", então os textos colhidos na Zona Norte devem parecer com os do sertão ; sabendo a produção dos folhetos de cordel é limitada,

bastante homogênea e essencialmente urbana. Se os textos não cumprem esse papel, então quais são os meios pelos quais os migrantes conservam ou afirmam a sua cultura ?

De um outro lado, parece importante examinar se existe uma continuidade entre os diferentes gêneros narrativos. Se os esquemas culturais são visíveis através da análise formal dos textos - sem por tanto considerar o texto como uma imagem fiel da realidade - se pode pensar que a estrutura narrativa é mais importante do que o conteúdo da história e que os modelos narrativos apresentem semelhanças, independentemente dos gêneros : histórias jocosas, crônicas, fábulas, lendas, mitos, testemunhas, etc. Então, uma história de vida pode muito bem parecer com um conto maravilhoso ou com uma história de santo. Do mesmo modo, se, a um nível diacrônico, é possível apontar para as transformações presentes numa história ou suas variantes - neste caso a análise só pode ser feita a partir de um texto escrito - podemos supor que, a um nível sincrônico, funciona de um mesmo modo. Então a comparação entre o escrito e oral é possível.

Vai ser preciso estudar o grau de personalização do texto coletado e a sua adaptação à época e ao contexto socio-cultural. Então o *corpus* vai mudar em função dos indivíduos, do sexo, da idade, dos grupos familiares, da região de origem do migrante, etc.

Afinal, podemos propôr uma reflexão sobre as referências aos lugares de origem e sobre a importância da história familiar na constituição da identidade da pessoa que migrou. Os migrantes, de fato, mais do que os outros indivíduos, parecem ligados afetivamente a seus lugares de nascimento ou na região de origem da suas famílias. Mas esse lugar de fundação, que imprime uma identidade forte ao indivíduo é geralmente mais imaginário do que real. Se examinarmos algumas histórias de vida de sertanejos, se percebe que existe uma forte mobilidade geográfica e que não é raro encontrar várias gerações de migrantes dentro de um mesmo grupo familiar. ² Examinando as migrações de nossos entrevistados, isto é também válido para as pessoas oriundas do litoral. O discurso nostálgico sobre o passado adota a forma poética e o tema da "volta à terra natal" é freqüentemente abordado nas conversas quotidianas.

Uma pesquisa de campo deve também ajudar para decifrar as estratégias dos migrantes e permitirá saber se existe redes migratórias ou se existe uma ligação

² Quase a metade das pessoas que foram entrevistadas em 1990-91 tinha mudado pelo menos uma vez de residência na vida.

comunitária forte. Quer dizer que é preciso refletir sobre a significação das voltas ao lugar de nascimento para os acontecimentos religiosos, sobretudo durante as festas do padroeiro, e sobre o papel do migrante nessas festas comunitárias. Vai ser preciso, então, estudar o papel econômico e simbólico do indivíduo que deixou a família para trabalhar fora e sustentar a família.

Para responder a essas interrogações, é necessário fazer uma pesquisa etnográfica para conhecer o contexto geral das migrações que é mais complexo do que parece : as estratégias, as etapas migratórias, os desejos e as ambições pessoais, as dificuldades de adaptação a um novo modo de vida na cidade, a sobrevivência, a integração e a mobilidade social, a violência nos subúrbios, etc. Fatos e discursos que as pesquisas quantitativas não permitam de dar conta.

Uma abordagem antropológica das memórias dos migrantes permite estudar de um modo diferente os problemas ligados às cidades médias - como Natal - e permite iniciar uma reflexão sobre a importância social e imaginária dos grandes pólos migratórios (as capitais nordestinas ou as megalópolis do sul). O estudo da cultura dos migrantes permite também refletir sobre a situação dos moradores das zonas rurais (secas, desigualdades sociais, distribuição da terra, desnutrição, envelhecimento da população, predominância das mulheres, etc.). Um tal estudo permite também colher o discurso sobre a miséria, "a desgraça", o desespero, as representações do espaço e a percepção do mundo. Afinal, uma pesquisa de campo se torna indispensável para pôr em perspectiva os textos e a cultura que os produz; esses são integrados a um contexto socio-histórico específico.

II MIGRAÇÃO E CRESCIMENTO URBANO

2.1 História das migrações

Primeiro, é preciso lembrar que o sertão nordestino é, historicamente, um espaço que fornece uma importante mão-de-obra para as regiões em extensão (frentes pioneiras, cidades, regiões agrícolas, etc.). Durante o período da exploração da borracha os nordestinos que fugiram das grandes secas do final do século passado (1877-1879), foram maciçamente para a Amazônia. Na mesma época, eles participaram também da expansão cafeeira, propondo aos grandes proprietários do sul um contingente de trabalhadores livres e escravos. Foram ainda os nordestinos que, durante o período do chamado milagre econômico, construíram as capitais industriais, culturais e políticas do sul do país (São Paulo, Rio, Brasília).³ Eles levaram sempre a sua cultura, como se verifica na presença dos cantadores de viola, dos poetas de cordel ou dos mercados oferecendo produtos regionais em todas as capitais onde se encontram um número importante de migrantes nordestinos.

Evolução da população urbana e rural no nordeste
de 1940 a 1970⁴

| ANOS | Pop. Urbana | Pop. Rural |
|------|-------------|------------|
| 1940 | 23.4% | 76.6% |
| 1950 | 26.4% | 73.3% |
| 1960 | 34.2% | 65.8% |
| 1970 | 41.0% | 59.0% |
| 1980 | 50.4 | 49.6% |

Como lembra Francisco Weffort (1979), houveram ondas maciças de imigrantes do interior paulista, os mineiros, baianos e pernambucanos para a capital paulista. A estação do Norte sempre foi, para os imigrantes, um importante ponto de passagem, mas

³ Para mais detalhes sobre esse assunto clássico, cf. Brasil-Sudene-Drh-Ufpe-Ufpb 1980: 7-15 ; 165-179.

⁴ Andrade 1987 : 48.

os locais de moradia e de trabalho variaram muito segundo as épocas. Foi sempre um sinal das mudanças havidas no processo de industrialização desde as primeiras décadas do século até hoje. Sabe-se, por exemplo, que os italianos, em sua maior parte, acabavam ficando nos bairros próximos à estação do Norte, a começar pelo próprio Brás, acompanhando as indústrias que margearam o leito da estrada de ferro. Ficavam próximos do que era o centro da cidade. Os nordestinos não tiveram possibilidades de ficar no meio da cidade, porque chegaram quando o eixo da industrialização já se deslocava para as margens da Via Anchieta ou da Via Dutra e para municípios vizinhos. Assim os nordestinos têm que ir para mais longe, à procura de lugares onde haja uma esperança de mais de trabalho e moradia mais barata, que são os bairros da periferia. Na maioria das vezes as possibilidades de trabalho estão nos municípios industriais vizinhos fazendo com que a presença nordestina dilua-se na amplitude da Grande São Paulo.

Os nordestinos têm agora a vantagem de uma presença cultural “visível” na cidade. E que persiste em apresentar-se em programas de rádio e televisão, nos forrós e festas típicas e num tipo de comércio que se espalha pelos bairros periféricos e por algumas cidades vizinhas atendendo à permanência de hábitos, em particular os alimentares, próprio do nordeste.

Segundo o Censo Demográfico de 1970, viviam em São Paulo naquele ano cerca de 750 mil nordestinos, incluídos os baianos e sergipanos. Se considerarmos a Grande São Paulo, a cifra cresce para 980.000, 12,5% de sua população total, porcentagem que, sendo a mesma para a cidade de São Paulo, considerada isoladamente, cresce para 15% para Osasco, Guarulhos e Cajamar e, em Diadema, chega aos 19%. Mais do que os dados de 1970, o que importa notar aqui, é que em 1977 o ritmo do crescimento da imigração nordestina é muito rápido, isso desde 1950 : entre 1950 e 1970, quando a cidade de São Paulo triplicava o seu tamanho, a população nordestina residente em São Paulo tornava-se dez vezes maior. Um fenômeno, portanto, tipicamente “aluvial” que se expressou, num período de vinte anos, na entrada de cerca de 660.000 nordestinos, praticamente uma população de cidade de tamanho médio. Naquela época, Francisco Weffort pode avançar que na Grande São Paulo, senão mesmo na própria cidade de São Paulo, tinha tantos nordestinos quantos tinha no Recife. Se São Paulo não é a maior cidade nordestina do Brasil, é inegavelmente a cidade que recebeu mais imigrantes nordestinos.

Assim, a forte presença nordestina nas capitais econômicas do país ficou registrada na história delas e passou a ser um dado importante para elas, especialmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília. Se encontram também nordestinos nas áreas em desbravamento : no oeste de São Paulo, no norte do Paraná, no Mato Grosso do Sul e

no Sul de Goiás, bem como nas frentes pioneiras do nordeste como no noroeste do Maranhão (Andrade 1987 : 45). Essas migrações são causadas pelas secas bem como pela

“falta de oportunidade de trabalho razoavelmente remunerado nas regiões úmidas” e também a “problemas ligados a uma série de fatores como a falta de uma eficiente rede de esgotos, de um regular sistema de transportes, de uma rede de hospitais e de escolas, etc. que provocam o aparecimento ao lado da cidade verdadeira, de uma sub-cidade de bairros proletários miseráveis, como os famosos mocambos do Recife e as palafitas, resultantes das chamadas ‘invasões’ em Salvador” (Ibid. : 45-46).

Porém, durante a década 80/90 essas importantes megalópolis pararam de crescer e os migrantes nordestinos passaram a ser responsáveis das más condições de vida nas cidades das violências urbanas. Desde 1930, se encontram migrações regulares de nordestinos em direção à São Paulo e Rio de Janeiro (MENEZES 1992 : 13). Mais tarde, entre 1960 e 1970, o êxodo rural se acentuou de tal forma que nesse período treze milhões de brasileiros trocaram o campo para a cidade e em 1970 esse número sobe para 15,5 milhões. A partir da década de 1980, todas as cidades nordestinas conheceram um fluxo migratório muito importante, devido as suas funções administrativas, portuárias, comerciais, industriais e culturais. (ANDRADE 1987 : 49).

Esse fenômeno encontra-se também no Rio Grande do Norte. A população do estado, que antes era maioritariamente rural passou a ser urbana, a tendência conheceu uma inversão : em 1980 o estado tinha sua população essencialmente urbana (58.7%)

População do RN e de Natal segundo a zona urbana e rural nos anos de 1872 à 1991

| | anos | 1872 | 1890 | 1900 | 1920 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
|--------------|------------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|-----------|-----------|
| RN | urb | | | | | 164.248 | 253.765 | 428.113 | 737.368 | 1.115.158 | 1.668.165 |
| | rur | | | | | 603.770 | 714.156 | 717.389 | 812.876 | 783.014 | 745.956 |
| Natal | | 20.392 | 13.725 | 16.056 | 30.696 | 54.836 | 103.215 | 160.253 | 264.379 | 416.898 | 606.681 |

Fonte: IBGE/91

Examinando os quadros acima, é visível perceber que foi nos anos setenta que a população do estado do Rio Grande do Norte passou a ser maçoissamente urbana. Assim, entre 1950 e 1970 a população da capital quase dobrou e nunca deixou de crescer. O

êxodo rural e as migrações, que conheceram um crescimento entre os anos 1950 e 1970, não deixaram de ser um meio importante de mobilidade social para as populações menos favorecidas da região nordeste e essas migrações tornaram a ser parte integrante da história dos nordestinos (SOUZA 1976: 21-22). Se a partir dos anos quarenta, o processo migratório se intensifica com o crescimento dos centros urbano do estado e, mais tarde, com a ação da SUDENE (1960-70) que pratica investimentos importantes nos grandes centros urbanos da região, se nota um aumento sensível do êxodo rural (SOUZA 1976 : 66-67).

População no RN em 1980 e 1991

| | total | | homens | | mulheres | |
|------------------------|----------------------|--------------------|---------|-----------|----------|-----------|
| | 1980 | 1991 | 1980 | 1991 | 1980 | 1991 |
| estado completo | 1.898.172 (%) | 2.415.567 | 926.268 | 1.178.718 | 971.904 | 1.236.849 |
| zona urbana | 1.115.158 (58,7%) | 1.669.267 (69%) | 527.992 | 794.102 | 587.166 | 875.165 |
| zona rural | 763.014 (40,2%) | 746.300 (30,9%) | 398.276 | 384.616 | 384.738 | 361.684 |

Fonte: IBGE/91

Porém, e desde os anos 70-80, o quadro das migrações sofreu mudanças: as populações não se deslocam em massa em direção ao sul ou aos frentes em desenvolvimento. As migrações se diversificam, especificamente em direção às capitais nordestinas ou às cidades importantes do sertão, as distâncias são menores e as partidas não são necessariamente definitivas. De fato, durante a pesquisa realizada em 1990-91, se encontraram muitas pessoas que tinham migrado para o sul - nas cidades ou nas zonas rurais como por exemplo no Minas Gerais - ou para Amazônia e que tinham voltado morar no lugar de origem, no sertão, depois de ter morado durante um tempo nas capitais nordestinas.

Com a forte intervenção do estado federal nas políticas locais, várias mudanças surgiram tanto nas zonas rurais ou nas cidades brasileiras médias, como é o caso de Natal. Assim, continua a modernização da rede rodoviária - iniciada na era de 60- ligando o sertão às capitais dos estados nordestinos e, no Rio Grande do Norte, continua a se desenvolver as atividades agro-industriais como a cultura do algodão, do sisal, da cana de açúcar, e mais tarde a fruticultura irrigada ou as salinas que oferecem empregos fixos á população rural da região (Oeste) (SOUZA 1976: 20). No mesmo tempo, entre 1950-60, se nota um crescimento importante do rebanho bovino (+ 36%) e da área ocupada pelos

bovinos (+ 40%). Na maior parte dos casos são grandes propriedades de mais de 500 há que não necessitam de uma grande mão de obra ; o que contribuiu ao aumento do êxodo rural (SOUZA 1976 : 32). Essas transformações provocam uma redução importante da mão de obra agrícola e uma mudança profunda das relações de trabalho que tendem a se “despersonalizar”; o trabalhador rural sem terra gozando dos favores do grande proprietário torna-se um assalariado com um estatuto ainda precário. ⁵

Para as capitais administrativas, as políticas governamentais desenvolvem as atividades do setor terciário com a instalação das repartições e de empresas públicas - Universidade Federal, Escolas públicas, SUDENE, Petróbras, Banco do Brasil, etc.-, isto quer dizer um crescimento dos funcionários federais (FELIPE 1984, SOUZA 1976: 22). Além disso, devido à sua história e sua posição estratégica, a cidade do Natal conta na sua população um grande número de militares. A presença desta população assalariada, relativamente numerosa, ajuda no crescimento do comércio, do turismo e da construção civil -- ainda mais a partir dos anos 70, quando são construídos os primeiros conjuntos habitacionais. Esse crescimento de população com rendas fixas gera também empregos, pertencendo geralmente ao setor informal: empregados domésticos sem contratos, artesões não declarados, bóias frias, mascates, etc. Geralmente se conta bastante migrantes recém chegados nesses empregos sem qualificação. Porém, às vezes, esses antigos camponeses não se tornam de repente habitantes das cidades, continuam a ter uma ligação com a atividade anterior, cultivando um roçado perto das suas moradias ou trabalhando na zona rural (bóias frias).

População de Natal em 1980/91

| | total | | homens | | mulheres | |
|---------------------------|---------|---------|---------|---------|----------|---------|
| | 1980 | 1991 | 1980 | 1991 | 1980 | 1991 |
| Natal (município) | 416.898 | 606.887 | 193.577 | 282.527 | 223.321 | 324.360 |
| Igapó (distrito) | 35.988 | 117.231 | 17.457 | 56.523 | 18.531 | 60.708 |
| Redinha (distrito) | 4.464 | 29.704 | 2.258 | 14.383 | 2.206 | 15.321 |

Fonte: IBGE/91

⁵ Só para o setor da criação bovina, mais de 50 % dos empregos desapareceram em 25 anos (de 1950 a 1975) (Fonte IBGE 1950, 1975).

Mesmo se, desde os anos 70, existe uma tentativa de estabilização das populações rurais da parte do governo federal, especialmente com a criação das frentes de emergência, a instalação definitiva dos migrantes nas capitais nordestinas fica elevada. Assim, durante a última grande seca (1978-83), Natal e Mossoró se tornaram centros atrativos para os migrantes. Examinando os números, se nota que Natal cresceu de 400 000 para 600 000 habitantes em dez anos (1980-1990) e que, no mesmo tempo, o saldo migratório para a capital do estado não deixa de crescer (CUNHA 1991 : 24-25).⁶

MIGRAÇÃO

População residente por migração no município de residência atual no Rio Grande do Norte em 1980

| | total | 7 | 8 |
|-----------------------|--------------------|-------------------|-----------------|
| naturais do município | 1.294.568 (68%) | 1.144.165 (88,5%) | 147.785 (11,5%) |
| não naturais | 606.267 (32%) | 551.646 (90%) | 51.018 (10%) |
| total | 1.898.835 | | |

Fonte: IBGE/80

População residente nas zonas urbana e rural por migração no município de residência atual no rio grande do norte em 1980

| | total | | 9 | | 10 | |
|-----------------------|------------------|----------------|----------|---------|-----------|--------|
| | z. urb | z. rur | z. urb | z. rur | z. urb | z. rur |
| naturais do município | 674.185 | 620.383 | 549.456 | 594.709 | 123.727 | 24.058 |
| não naturais | 441.094 | 163.173 | 399.274 | 152.372 | 40.837 | 10.181 |
| total | 1.115.279 | 783.556 | | | | |

fonte: IBGE/80

⁶ Ver quadros.

⁷ Sempre morou na situação do domicílio atual.

⁸ Já morou em situação diferente do domicílio atual.

⁹ Sempre morou na situação do domicílio atual.

¹⁰ Já morou em situação diferente do domicílio atual.

**Pessoas não naturais do município onde residem
que migraram há menos de 10 anos, segundo o lugar do domicílio anterior (1980)**

| | total | homens | mulheres |
|-----------------------------|---------------|---------------|-----------------|
| total de migrações | 333.322 (17%) | 158.321 (17%) | 175.001 (18%) |
| RN | 255.589 (13%) | 119.684 (13%) | 135.905 (13%) |
| outros estados | 77.733 (4%) | 38.637 (4%) | 39.096 (4%) |
| pop. total do estado | 1.898.172 | 926.268 | 971.904 |

Fonte: IBGE/80 e 91

**Migração
brasileiros natos, por naturalidade e sexo
(1980)**

Mesorregiões

| | total | homens | mulheres |
|------------------|--------------|---------------|-----------------|
| RN completo | 1.754.306 | 856.406 | 897.900 |
| oeste potiguar | 737.131 | 361.509 | 375.622 |
| central potiguar | 413.763 | 206.474 | 207.291 |
| natal | 603.410 | 288.423 | 314.987 |

Fonte: IBGE/80

Microrregiões

| | total | homens | mulheres |
|-------------------------------|--------------|---------------|-----------------|
| Salineiras Norte-Riograndense | 207.876 | 100.982 | 106.894 |
| Litoral de S. Bento Do Norte | 31.796 | 15.962 | 15.834 |
| Açu e Apodi | 146.457 | 72.786 | 73.675 |
| Sertão de Angicos | 47.331 | 23.585 | 23.746 |
| Serra Verde | 73.191 | 36.993 | 36.993 |
| Natal | 603.910 | 288.423 | 314.987 |
| Serrana Norte-Riograndense | 187.240 | 91.876 | 95.364 |
| Seridó | 195.578 | 95.869 | 99.689 |
| Borborema Potiguar | 104.279 | 51.438 | 52.841 |

| | | | |
|------------------|---------|--------|--------|
| Agreste Potiguar | 157.168 | 78.416 | 78.672 |
|------------------|---------|--------|--------|

Fonte: IBGE/80

Municípios

| | TOTAL | HOMENS | MULHERES |
|---------|---------|---------|----------|
| Mossoró | 131.267 | 63.337 | 67.930 |
| Natal | 367.525 | 170.347 | 197.179 |

Fonte: IBGE/80

Pessoas não naturais do município onde residem, por situação do domicílio atual e anterior e sexo, segundo as meso, microrregiões e município de Natal

| | total | | homens | | mulheres | |
|-----------------------|---------|---------|--------|--------|----------|--------|
| | z. urb | z. rur | z. urb | z. rur | z. urb | z. rur |
| Mesorregião de Natal | 166.991 | 127.451 | 76.417 | 57.253 | 90.574 | 70.198 |
| Microrregião de Natal | 166.991 | 127.451 | 76.417 | 57.253 | 90.574 | 70.198 |
| Município de Natal | 130.343 | 84.492 | 58.421 | 36.040 | 71.922 | 48.452 |

Fonte: IBGE/80

2 2 Os migrantes da Zona Norte

Desde 1970, o estado do Rio Grande do Norte conhece um êxodo rural importante. Por exemplo, em 1991 quase 70 % da população total do Estado era urbana. Durante a última grande seca (1978 - 1983), Natal e Mossoró tornaram a ser pólos atrativos de migração. Além disso, devido à sua história, e como Natal é um centro administrativo, a cidade concentra um grande número de funcionários públicos e de militares. A presença dessa população assalariada relativamente numerosa, ajuda no desenvolvimento das atividades ligadas ao comércio, ao turismo e à construção civil. Isso ocorre sobretudo a partir dos anos 1970 e ainda mais depois de 1975, momento em que o sudeste do país conhece um início de recessão e começa a rejeitar os seus imigrantes. Nesse período, em Natal e sobretudo na Zona Norte, foi iniciada a construção de conjuntos habitacionais patrocinados pelo governo estadual e federal.

Atualmente, como nas outras capitais nordestinas, Natal vivência uma explosão imobiliária; quer dizer que precisa de uma mão de obra importante (Morice, 1993 : 358). Ao mesmo tempo há um grande número de empregos pertencendo ao setor informal (empregadas domésticas ou diaristas sem carteira assinada, artesões e vendedores ambulantes sem registro, independentes, empresas de fundo de quintal, etc.). Geralmente são migrantes que ocupam os empregos menos qualificados : muitos homens trabalham no setor da construção civil ou dos transportes e as mulheres trabalham como empregadas domésticas (Clementino, 1995 : 317; Morice 1993).

Porém esses antigos camponeses não viraram moradores da cidade de uma hora para outra; a Zona Norte tendo como característica principal ter ocupado um espaço antigamente estritamente rural e que, até hoje, subiste parcialmente, misturando uma paisagem urbana com resíduos de campo. Assim os moradores dos numerosos conjuntos populares tem que passar todos os dias na frente de uma fazenda para ir para casa. Eles podem ainda exercer atividades agrícolas perto de suas residências (como por exemplo cultivar um roçado ou criar animais) ou mesmo longe de suas moradas, indo trabalhar no campo durante a semana.¹¹ A pesquisa empírica e os relatos de vida ressaltam que as migrações respondem à uma lógica familiar e de busca de emprego a fim de “melhorar de vida” ou para “mudar de destino”. Mesmo sem dispor de estatísticas confiáveis e contando com a dificuldade de contabilizar a população migrante - que por definição é movediça -, o exílio temporário é um fenômeno essencialmente masculino e atinge principalmente uma população jovem (Garcia Jr. 1989 : 137). Se as conseqüências dos movimentos migratórios já são conhecidos para as cidades médias e as megapoles (e mesmo sendo um dos maiores problemas do Brasil atual), elas são menos evocadas para as zonas rurais : esvaziamento do campo, terras ociosas, cidades sem nenhum dinamismo econômico, envelhecimento da população, grande número de mulheres, etc. Estas, mesmo sendo casadas, tem de cuidar dos filhos, sem, às vezes, contar com a ajuda material do companheiro que migrou.

2 2 1 Estratégias e trajetórias de migrantes

Hoje, as migrações durante as secas ou nas entre-safras são ainda freqüentes. As prefeituras das cidades que recebem milhares de retirantes durante este período, às vezes

¹¹ Alain Morice (1993 : 356) que estuda os migrantes trabalhando na construção em Santa Rita, cidade vizinha de João Pessoa, também nota a existência da categoria “Trabalhador agrícola-pedreiro”.

ajudam as famílias a voltar para seus lugares de origem quando as chuvas voltam ou então propõem para essas pessoas um alojamento popular decente, como se encontram na Zona Norte. Morando nas calçadas das capitais dos estados nordestinos ou construindo barracos em baixo das pontes e nos terrenos baldios, esses migrantes sem recursos vivem de esmolas, de furtos ou de pequenos trabalhos antes de encontrar uma situação melhor, às vezes contando com a ajuda dos políticos, dos parentes ou de antigos vizinhos. Porém esta situação corresponde à imagem tradicional que se tem dos migrantes. Na realidade existem várias situações

Escutando algumas histórias de vida de antigos moradores da Zona Norte, constata-se trajetórias originais de migração. Longe de ser uma migração direita (sertão/capital), várias pessoas que vieram morar na Zona Norte já moravam numa outra parte da cidade, nos bairros populares como Alecrim, Nova Descoberta, Rocas, Felipe Camarão, etc.). Assim, M. Menezes (1992 :14) anota que

“A passagem da zona rural para a zona urbana é geralmente feita em etapas progressivas. Constitui um processo cheio de incidentes, imprevistos e sofrimentos. Comporta, por outro lado, a esperança sempre viva de dias melhores, e comporta ainda, em numerosos casos, a expectativa de refazer no lugar de destino os laços familiares e/ou de compadrio das regiões de origem.”

Do mesmo modo, se pode pensar em outras formas de migração (em direção ao sul) ou em migrações temporárias e "pendulares" (zona salineira, canaviais, sertão, etc.) sem que estes trajetos sejam exclusivos uns dos outros. Neste caso deverá constar com os testemunhos das mulheres dos migrantes e pesquisar as histórias de família: o lugar de origem, os membros da família que migraram - podem existir várias gerações de migrantes num mesmo grupo familiar -, época e razões da migração, ligação ao lugar de origem, lembranças, etc. Por exemplo, o lugar de origem pode fornecer uma identidade à pessoa. Como os «sulistas» chamam os migrantes nordestinos (Paraíba, Bahia), o apelido do migrante é dado conforme ao nome do lugar de origem (Caicó).

As transformações importantes acontecidas durante esses vinte últimos anos, seja na organização, na economia nordestina ou nas trajetórias migratórias, devem necessariamente constar na análise das mudanças culturais dos migrantes morando na Zona Norte.

2.2.2 A Zona Norte: histórico e mudanças

Antiga vila de pescadores, a Redinha e Igapó - cidade vizinha, ficando também à beira do rio Potengi - viram pouco a pouco as suas áreas de ocupação crescer, recebendo populações rurais carentes bem como famílias de maior poder aquisitivo que lá iam passar férias. Hoje a Zona Norte liga estes dois espaços pertencendo à cidade de Natal. Poucas indústrias estão implantadas na área que é, sobretudo, uma zona habitacional e de comércios de implantação recente.

Ficando do lado esquerda do rio Potengi, vizinha ao município de São Gonçalo de Amarante, a chamada "Zona Norte" conhece, desde os anos 60-70, uma mudança radical. Conjuntos habitacionais (Pajuçara, Igapó, Nova Natal, Panatis, etc.) foram construídos para atender às necessidades de uma população recém urbanizada ou de origem rural, pertencendo às camadas de população de baixa renda.

A construção de conjuntos habitacionais começou nos anos 60/70 e mudou profundamente a paisagem do local, antiga zona industrial. O primeiro conjunto que foi construído era o conjunto Amarante, durante o governo de Mons. Alfredo Gurgel (1964/1970). Nessa época foi desativada a ponte da estrada de ferro, que ligava Natal a Zona Norte. Mas parece que foi nos anos 80 que a Zona Norte mudou para ser o que ela é hoje : uma zona habitacional. A crise da indústria algodoeira - presente na região toda - conduziu ao fechamento das principais indústrias têxteis (a Seridó e a Sparta).

Em 1987 viviam aproximadamente 60 000 moradores (Andrade 1987: 34), hoje, em 1994, o número de pessoas se aproxima de 200 000 habitantes e é considerado como um importante «currel eleitoral». ¹²

População dos bairros da Zona Norte (1991)

| bairro | pop. total | homens | mulheres |
|-------------------------|-------------------|---------------|-----------------|
| Igapó | 24.356 | 11.740 | 12.616 |
| Potengi | 55.876 | 26.559 | 29.317 |
| Passagem da Vila | 23.490 | 11.448 | 12.042 |
| Salinas I | 529 | 278 | 251 |
| N. Sra. da Apresentação | 13.000 | 6.468 | 6.532 |
| Lagoa Azul | 9.766 | 4.766 | 5.000 |
| Pajuçara | 13.249 | 6.369 | 6.880 |

¹² Natal conta 312 236 eleitores em 1993.

| | | | |
|----------------------------|----------------|---------------|---------------|
| Redinha | 6.053 | 2.985 | 3.068 |
| Salinas II | 535 | 256 | 279 |
| Total da Zona Norte | 146.854 | 70.869 | 75.985 |
| Natal (município) | 606.887 | | |

Fonte: IBGE/91

Uma primeira hipótese pode ser formulada: a criação relativamente recente da Zona Norte ¹³, o fluxo constante de novos moradores, a mistura das diferentes camadas sociais, a falta da infra estrutura e de equipamentos básicos, a mudança radical da Zona Norte -- antiga zona industrial -- para uma zona habitacional e de comércio, onde se encontram também várias obras de construção civil, gerou conflitos importantes e contribuiu a dar do local uma imagem negativa. Ainda zona em expansão, se misturam - num espaço geográfico limitado - favelas, bairros com pouca infra-estrutura ou residências secundárias. Devido à essa diversidade econômica, à pressão demográfica e às condições precárias dos migrantes -- representam perto da metade da população da cidade inteira -- conflitos sociais surgiram a partir dos anos 75-80. A fama negativa da Zona Norte vem tradicionalmente do fato que todas as pessoas morando nas favelas no centro da cidade, estão deslocadas no local. A população de baixa renda é vista pelos moradores antigos como uma ameaça.

Por outro lado, a vizinhança com as favelas, que vão surgindo periodicamente - às vezes com os antigos favelados que venderam as suas casas -- e a invasão dos terrenos baldios são vistos como fatores importantes de desvalorização da zona. A presença da penitenciária do Estado situada no conjunto Potengi, a má qualidade da vida - devida a falta de infra-estrutura (água ruim, tráfego pesado e engarrafamentos, sistema de transporte comum deficitário, distância do centro da cidade, etc.) - podem ser considerados como sinais de desconforto perceptíveis no discurso das pessoas que moram «do outro lado do rio» e pode ser considerado como um motivo de preconceito da parte dos outros habitantes de Natal ou dos recém chegados. Porém, existem projetos visando a revalorização da zona (outro ponte no rio Potengi facilitando o trânsito e o acesso as praias do litoral norte, o projeto de um *shopping center*, instalação de hipermercados, criação de um carnaval próprio à Zona Norte desde 1994, etc.) e esse fato é sempre sublinhado pelos moradores antigos da zona, que se identificam com o lugar. A razão da estigmatização dos moradores da Zona Norte pode ser encontrada na história e nas

¹³ O bairro da Redinha foi criado em 1953, o de Igapó foi criado em 1963.

narrativas. No período colonial, São Gonçalo de Amarante era uma redução de índios. As pessoas que moram em Igapó (em Tupi, *terra inundada*) são chamadas de «índios».

2 3 A pesquisa

É preciso dar alguns detalhes da metodologia da pesquisa antes de analisar os resultados.

2 3 1 O roteiro da pesquisa ¹⁴

Foi elaborado um roteiro, servindo de guia às primeiras entrevistas, contendo as principais informações : (identificação, composição e dispersão da família, local de origem da pessoa entrevistada e da sua família, número e frequência de migrações, tempo e local das migrações, ocupação durante a migração, data de chegada na Zona Norte, etc.). Essas informações sistematizadas são necessárias para traçar um perfil dos migrantes morando na Zona Norte e perceber as trajetórias pessoais e a estratégias..

Outras perguntas sobre a vida cotidiana, o trabalho e as atividades culturais e lúdicas, a vida da família e a sociabilidade em geral, a ligação com o lugar de origem, o conhecimento de narrativas e poesias, etc. permitiram começar a entrevista e ajudar a conhecer a realidade da vida cotidiana das pessoas entrevistadas.

Enfim, este primeiro momento da pesquisa permitiu conhecer melhor o perfil dos migrantes e as suas trajetórias e, também, possibilitou acrescentar os contatos já existentes.

2 3 2 Perfil dos entrevistados

Após as entrevistas nos foi possível traçar um perfil para os migrantes da Zona Norte através do roteiro por eles respondido. A idade das pessoas entrevistadas variou entre 26 e 70 anos. Geralmente, as pesquisas apontam para a juventude dos migrantes. Assim, como anota Costa (1975 : 17) há um reflexo da migração individual : o número de migrantes entre 15 e 29 anos de idade.

“Considerando que os novos migrantes tinham 24,7 anos de idade média há cinco anos nas áreas de destino migratório, podemos estimar, aproximadamente, que os migrantes do período de

¹⁴ Cf. Anexos.

1960/70 chegaram aos lugares de destino com a idade média de 20 anos.”(COSTA, 1975 : 19).

Como as crianças e jovens migram com seus pais, é justificável o elevado número de menores de 15 anos entre os migrantes. A maioria dos migrantes urbanos situa-se entre os 15 e os 44 anos de idade. Um reflexo das facilidades educacionais nas áreas urbanas é a elevada proporção de novos migrantes com menos de 15 anos de idade, indicando também que a migração de famílias inteiras é comum no Brasil. Porém, como se trata aqui de um numero elevado de migrantes de retorno, isso explica esta disparidade.

Na pesquisa, entrevistamos doze pessoas do sexo feminino e treze do sexo masculino. A maioria destes entrevistados são casados e sete deles estão no segundo casamento. Quase todos eles têm filhos (entre dois e nove filhos). Quer dizer que são pessoas já estabelecidas, com uma certa experiência de vida. ¹⁵

As profissões destas pessoas são muito diversificadas. Encontramos costureiras, cozinheiras, donas de casa, atendentes de enfermagem, comerciantes, motoristas, cobradores de ônibus, professoras, quebra caixa dos correios e aposentados.

A grande maioria dos migrantes provém do interior do estado e muitos tem como lugar de nascimento o litoral norte do Rio Grande do Norte ou cidades relativamente pertas da Zona Norte. Esta influência do fator distancia é anotada por Manuel Correia de Andrade (1987 : 45). ¹⁶

O número de vezes que migraram é muito variável (entre um e oito vezes) e o tempo das migrações, ou seja, o tempo que durou cada uma delas é também variável (alguns meses até quase vinte anos). Embora alguns destes entrevistados tenham nascido em Natal, eles migraram para o interior do RN ou para outros estados, tendo uma trajetória de certa forma inversa ao dos migrantes que nasceram no interior do estado e migraram para a capital. Portanto encontramos várias trajetórias entre os entrevistados : alguns migram do interior em que nasceram para cidades vizinhas e de lá vem para Natal. Algumas vezes isto implica em mudança de um meio rural para um meio urbano. Outros migram do interior para a capital ou vice-versa. E existe ainda aqueles que migram do interior para outro estado diretamente.

¹⁵ Cf. Anexos.

¹⁶ Assim para Recife, ele indica que 45% dos imigrantes vem do interior do estado e 14% de outros estados.

Este roteiro possibilitou a sistematização das informações fornecidas pelos entrevistados. Sendo esta pesquisa um trabalho qualitativo o número não tem nenhuma relevância, quando a meta é traçar um perfil através das histórias de vida.

III Vidas migrantes

É frequente, no Nordeste, encontrar uma pessoa que tem sua família espalhada no país inteiro - sejam parentes próximos ou mais distantes, antigos vizinhos, amigos ou pessoas com quem estabeleceu uma ligação qualquer (compadre, patrão, colega, etc.). Geralmente, a sociabilidade fundada no modelo tradicional da família estendida, se aplique a outros tipos de relacionamentos. Na realidade, se concretiza por uma forte solidariedade e por obrigações recíprocas. Geralmente se trata da hospedagem de um parente (ou um dos seus amigos) para um período variável e nem sempre especificado. Pode ser também uma ajuda moral ou afetiva no caso de um evento importante na família (nascimento, doença grave, morte, divórcio, etc.). Pode se tratar também de uma ajuda material - neste caso os parentes próximos (os pais e os irmãos), são solicitados e dificilmente podem negar. Muitas vezes e mesmo com a distância geográfica, as relações continuam intactas entre os que ficam e os que vão embora. Isto é visível nas histórias de vida : no processo de migração existe uma lógica fundada na solidariedade familiar (Cabanes, 1995; Menezes 1992; Sarti 1995).

Por isso, que uma pesquisa centrada na vida real dos entrevistados privilegia os temas ligados à vida cotidiana dos migrantes bem como os ligados ao exílio, à partida da terra natal, e às vezes, a possível volta para o lugar de nascimento. Aponta também para a importância da família e da solidariedade, destaca o trabalho como a principal razão da migração. Permite também resgatar um discurso comparativo sobre a vida no lugar de origem e no lugar de destino, a volta para o nordeste - para os migrantes que se deslocaram para o sul ou outros estados fora do nordeste - e, afinal, a instalação e a vida em Natal e na Zona Norte. As lembranças e o discurso sobre a migração, nós levam também ao passado da Zona Norte, à sua origem como um vilarejo tradicional ; a importância dos índios, dos colonizadores (holandeses e franceses), os antepassados (Dona Cruzinha), as festas passadas (o Carnaval, as cheganças, os marujos, etc.) e, afinal, à importância dos monumentos na rememoração do passado (a praça de Igapó, a ponte de ferro, a linha do trem, as fábricas, etc.). As transformações ocorridas na Zona Norte são destacadas como sinal de progresso ; o papel da igreja, dos sindicatos e dos homens políticos neste processo é lembrado nesta ocasião. Enfim, chegando no nível das narrativas mais tradicionais, os folhetos e os romances de cordel, as histórias de Trancoso,

sofrem um processo de esquecimento e são geralmente denegridos pelos mais jovens que desconhecem este tipo de literatura, lembrando a sua origem. Outras histórias tomam o seu lugar, que, geralmente, seguem a mesma estrutura narrativa. Parece que as histórias mudam com as identidades.

Para o momento, apontarei para alguns pontos importantes na análise das transformações da identidade dos migrante através da leitura das suas narrativas.

3 1 Exemplos de histórias de vida

É difícil estabelecer uma regra para as migrações, elas são muito variáveis. Porém, é possível apontar para dois fatores importantes que determinam uma pessoa a migrar : a possibilidade de trabalho e a existência de um parente morando no local.

Assim, na pesquisa, das vinte e cinco pessoas entrevistadas, somente dois homens efetuaram uma ou mais migrações sem ser acompanhados de um parente ou sem ter família no local. Podemos exemplificar a importância do elo familiar através do relato de Dona Eva, os seus pais vieram com ela de Reduto ¹⁷ para Natal em 1962, cidade onde eles já tinham parentes. D. Eva casou e foi para o Rio de Janeiro (1970) acompanhando o esposo e o irmão mais velho. Dois anos depois, uma outra irmã veio morar com ela. Duas filhas nasceram lá e, em 1978, a família decidiu retornar par o Rio Grande do Norte. Um dos irmãos de Dona Eva continuou morando no Rio de Janeiro. Ela separou-se do marido (1986) e foi morar na Zona Norte, participando de projetos educacionais como Professora primária. Depois do seu divorcio, ela foi morar com um novo companheiro. Suas filhas, já casadas, continuaram morando perto dela, bem como três irmãos ; todos moram em conjuntos habitacionais um pouco distantes um dos outros. Os pais de Dona Eva vivem cada um na casa de um filho, o pai em Parnamirim (município vizinho de Natal) e a mãe em Touros, onde uma parte da família continua morando. Ela mesmo tentou voltar, com o companheiro, para se instalar de vez mas não conseguiu se adaptar e voltou para Natal com uma forte depressão.

Aparece claramente que em todas as etapas da trajetória de Dona Eva, existe uma preocupação em reagrupar a família : da zona rural (Reduto) para uma cidade do litoral (Touros) e de Touros para a capital do Rio Grande do Norte, de Natal para o Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro para Natal e afinal, para Zona Norte. Se os principais motivos da migração são econômicos e familiares, no caso das pequenas migrações

¹⁷ Reduto fica perto de São Bento do Norte, RN.

(intraestaduais), elas são também motivadas pela procura de assistência, no caso de seca, ou de serviço (saúde, educação, administração, etc.).

Outro exemplo pode ser tirado da vida Seu Xixi, que nasceu em 1917 em Estivas (perto de Extremoz) e acompanhou os pais para Extremoz - ele tinha cinco anos de idade. Três anos depois o seu pai morreu e a partir daí ele começou a trabalhar “na enxada e de barro”. Ele não foi para escola - mas sabe ler e escrever - porque ele teve que sustentar toda a família (eram sete filhos) e tem orgulho de dizer que nenhum deles morreram. Em 1936 ele foi morar em Touros onde trabalhava na prefeitura e onde já morava seu avô (do lado materno). Chegou na Zona Norte - onde um irmão dele estava morando - com trinta e três anos (em 1950) e casou com uma moça de Igapó. Ele teve nove filhos. Em Natal, ele começou trabalhando como servente da prefeitura mas quatro anos depois, foi “cuidar de uma granja” perto de Belém do Pará, com um outro irmão. Um ano depois voltou, e começou de novo a trabalhar na prefeitura. Em 1962 Seu Xixi torna-se sócio do Círculo de trabalhadores Cristãos de Igapó que tem como principal objetivo a assistência dos seus sócios¹⁸ ; em 1968 ele é eleito presidente. Seu Xixi aparece então como uma figura chave na história de Igapó, ele é designado como “o detentor da memória” do bairro. Personagem público ligado à vida política local, ele não se define mais como um migrante mas como um morador de Igapó.

Da mesma forma, dona Maria de Baia. Dona Maria de Baia chegou à praça de Igapó aos cinco anos de idade, em 1934. Seu nome é Alisete do Nascimento, mas recebeu este apelido de seu pai que por não conseguir lembrar-se do nome da filha achou mais fácil chamá-la de Maria. A avó, tida como louca, tinha um apelido, Baia, que passou para os filhos e netos. Dona Maria tem 66 anos e trabalha desde os 44 anos como atendente de enfermagem. Antes desta idade (44 anos) ele foi estudar em Recife (PE) durante um ano e quatro meses à convite de uma irmã que morava lá. Quando os pais adoeceram ela parou de estudar e começou a lavar roupa para ajudar aos pais. Também é parteira, pois com a ajuda de Padre. Thiago, de quem ela era atendente no círculo operário, conseguiu fazer um curso de parteira apesar de já exercer o ofício antes disso. Casou-se duas vezes, tendo seis filhos de cada união. O seu marido atual trabalha em João Câmara como vaqueiro e só vem à Natal de quinze em quinze dias. A família de dona Maria está toda espalhada pelos municípios do RN e São Paulo. Dona Maria participava ativamente das

¹⁸ O primeiro Círculo Operário de trabalhadores Cristão atendia nas Quintas até a Redinha. Foi fundado pelo Padre Augusto Bretão em 19/10/56. Prestava assistência médica e odontologia através de estagiários. Sua segunda sede foi na Escola Potiguaçu (Governo de Silvio Pedrosa).

manifestações culturais do seu bairro que eram as danças e encenações típicas de uma zona rural, e que Mário de Andrade classificou como danças dramáticas. Um exemplo destas manifestações culturais é a chegança, que é a representação dramática de uma parte da história. No caso de Igapó era a encenação da guerra entre os mouros e os cristãos, uma herança da cultura ibérica retrabalhada pelo povo de Igapó, visto que no Brasil não existiram mouros, ou guerra de mouros. A chegança desapareceu com a mudança, ou descaracterização da Zona Norte que passou de meio rural para urbano. Com isso este traço cultural desapareceu, mas ainda existe na memória das pessoas e através da memória de dona Maria de Baia nós chegamos a sua infância, adolescência e a história de Igapó.

3 2 O relato da migração

Precisa então, realizar uma pesquisa etnográfica para descobrir as possíveis estratégias dos candidatos à partida e suas identidades. Assim parece difícil encontrar uma regra única para as migrações e os locais de destino porque variam de um indivíduo para outro. É preciso então analisar as histórias de vida detalhadamente para se dar conta da multiplicidade dos perfis dos migrantes. Porém, há fatores determinantes na decisão da migração :

- 1 - A possibilidade de encontrar um trabalho
- 2 - A existência de um parente (ou conhecido) no local de migração

Além disso, há características comuns aos migrantes :

- Poucas pessoas realizam somente uma migração até chegar à Zona Norte e geralmente não há uma passagem direta do campo para a cidade
- Há uma urbanização progressiva : do meio rural para uma cidade pequena do litoral ou do sertão, ida para Natal (direitamente ou não para a Zona Norte)
- Há bastante migrações de retorno (no caso de pessoas que foram para longe do seu lugar de nascimento : Sudeste em particular)
- No lugar da migração, existe uma tentativa de reagrupar os membros da família, tentativa que pode-se estender até indivíduos da mesma cidade ou região.¹⁹

¹⁹ Temos vários exemplos de uniões contratadas durante a migração com pessoas do mesmo lugar ou do mesmo estado.

A imagem caricatural do pau-de-arara chegando em São Paulo se desmancha na frente da multidão dos percursos individuais que foram levantados durante a pesquisa. Uma pesquisa como esta permite também descobrir a existência de redes migratórias. Qual é, por exemplo, a significação das voltas no lugar de nascimento numa ocasião como as eleições, as festas religiosas (São João e festas do padroeiro) e qual é o significado das viagens de retorno na construção da identidade dos migrantes (Morice 1993 : 356). Qual é, ainda, o papel do migrante nas celebrações da cidade.

Por exemplo, nas festas de Caicó e de Currais Novos que são dedicadas à Sant'Ana, a padroeira do sertão, se vê um número importante de pessoas "morando fora", quer dizer em Natal ou em outras regiões. Várias semanas antes do começo da festa, os ônibus estão lotados. Alguns fiéis aproveitam da viagem para botar algum tipo de comércio; montando uma barraca na praça central ou vendendo artigos de difícil acesso (roupa, bijuteria, perfume, etc.). Isto leva também a refletir sobre a função econômica do migrante que deixou a família para trabalhar na cidade e que contribuiu para sua sobrevivência.

Parece que os migrantes, mais do que todos, estão ligados ao lugar de origem da sua família (pelo menos afetivamente). Mas este lugar, fundador de identidade, aparece mais mítico do que real. Não é raro encontrar casos onde várias gerações de um mesmo grupo familiar migraram para outra cidade, estado ou região. Por exemplo, em Natal, há bastante filhos de paraibanos que vieram primeiro para uma cidade do sul do estado antes de migrar para Natal. O discurso nostálgico sobre o passado adota às vezes a forma da poesia; nesses momentos os tempos da infância onde se escutavam as histórias são sempre lembrados. Além disso o tema da "volta para casa" é muito frequente nas conversas cotidianas mas também aparece como um tema chave dos romances e dos folhetos de cordel. Porém, antes de poder analisar as histórias de vida e as narrativas, é preciso conhecer o contexto geral das migrações. E esse fenômeno aparece mais complexo do que um simples êxodo rural. Estratégias, tentativas e etapas migratórias, aspirações pessoais, problemas de adaptação ao modo de vida urbana, integração e mobilidade social, violência dos subúrbios e estigmatização dos migrantes. Esses dados colhidos graças à pesquisa de campo não podem ser percebidos pela simples leitura das estatísticas ou pelos estudos quantitativos. O estudo das trajetórias e o da cultura de referência dos migrantes nos leva também a analisar sob um novo ângulo os problemas ligados às zonas rurais (seca, disparidades econômicas, distribuição da terra, desnutrição presença dos serviços públicos, saúde, educação, etc.). Torna-se também possível a análise conjunta do discurso sobre a infelicidade como permite resgatar uma visão singular de um indivíduo sobre o espaço e o mundo.

3 3 A(s) volta(s)

Quando analisam-se os textos, aparece que a migração é sempre apresentada como provisória. Porém, para um número importante de migrantes, a realidade foi outra durante muitos anos. Até a década de setenta, a situação econômica relativamente boa do sudeste, e desfavorável do nordeste, impedia esta volta. Mas, recentemente, nota-se um fenômeno atípico e relativamente complexo. Alguns estudos atuais apontam para a existência de uma migração de retorno e uma migração circular (Menezes, 1992; Parry-Scott, 1995). Uma parte das pessoas que foram embora volta para morar na sua região depois de um período curto; essa experiência migratória é sempre vivida como dolorosa e negativa. Assim, Seu Xixi, pai de nove filhos e líder sindical e político de Igapó, o bairro mais antigo da Zona Norte, foi para Belém do Pará de navio em 1954, com um dos seus irmãos. Ele voltou um ano depois. Lá ele trabalhava numa granja onde os colegas faziam piadas dele porque era nordestino, dizendo que todo migrante que vinha de lá passava fome; ele respondeu fazendo versos sobre a comida estranha que se comia (Tacaca, Maniçoba, Formiga de fogo, etc.). Outros que ficaram fora da região durante um tempo maior - ou que fizeram várias migrações - voltam para morar em Natal e se identificam com a cidade já que no local de nascimento não existem meio de sustentação. Por exemplo, Seu José Maфра nasceu no agreste potiguar (região de Santa Cruz) e hoje esta morando na Zona Norte. Ele chegou primeiro em Natal em 1949 como feirante e, depois do incêndio do mercado público onde ele tinha uma banca, decidiu migrar para São Paulo (1977). Ele começou como vendedor ambulante e depois achou um emprego de porteiro. Durante a noite, ele escrevia versos saudosos para sua família que tinha ficado no nordeste :

“(...) Natal, Natal, Natal,
 Minha terra potiguar
 São Paulo é muito bom
 Mas logo estou chegando lá (...)”

Há também o caso das pessoas que voltam para algum tempo no local de nascimento antes de migrar de novo. É o caso de Emanuel que saiu de Touros para São Paulo onde ficou dois anos como servente e depois voltou para sua cidade onde morou ainda um ano antes de migrar novamente para Natal. Israel e Jorge foram em vários locais, no nordeste e no Brasil à procura de trabalho, mas sempre voltaram para o Rio Grande do Norte entre uma ou várias migrações. Enfim, encontra-se o caso de pessoas

que dividem o seu tempo entre um domicílio na região de origem e uma outra casa; isso é freqüente no caso de doença de um membro da família ou no caso de aposentados que vão morar um tempo com os filhos ou com outros parentes.

Assim, quando se fala de migração de retorno, a volta não é sempre no local de nascimento; isto não impede que o migrante continue tendo relações com os membros da comunidade de origem ou com a sua família. Ele vai morar nas capitais nordestinas onde já moram conhecidos e familiares; sobretudo Recife aparece como um pólo atrativo. No caso de migração direta do campo para a cidade, parece que os sertanejos vêm morar na cidade por períodos maiores do que os habitantes do agreste ou do litoral que tem mais possibilidades para voltar para casa (Morice, 1993 : 355). Assim o marido de Dona Maria de Baia é vaqueiro numa fazenda perto de João Câmara e só volta de quinze em quinze dias para passar o final de semana com ela. Com a construção dos conjuntos habitacionais, a Zona Norte passa a ser um reduto de migrantes mais ou menos fixados pois eles estão adquirindo uma propriedade ou mesmo se apossaram de um terreno e construíram a sua casa; quer dizer que para pagar as prestações é preciso ter uma renda mínima. Assim, se os migrantes saem principalmente à procura de um trabalho, na Zona Norte, isto parece balanceado pelo fato de ter acesso à uma moradia própria. Da mesma forma, a precariedade dos empregos pouco qualificados - setor onde existe uma grande concorrência - impede também uma fixação mais durável das pessoas no local e uma viabilidade das famílias. Nos conjuntos, nota-se a presença de uma população assalariada e de funcionários de diversos setores públicos e de pessoas que voltaram com uma qualificação depois de ter migrado (operária têxtil, motorista, soldador, recepcionista, auxiliar de escritório, etc.). Porém, existe uma disparidade social importante, já que o fluxo migratório é contínuo, entre os habitantes dos conjuntos mais antigos e os mais novos. No mesmo tempo, há espaços “vazios” - terrenos baldios - que vão sendo ocupados pelos recém-chegados e que, com pouco, vão virar novos bairros. Dona Eva que trabalhou num programa de assistência à famílias carentes, deixa essa mudança bem clara :

“(...) As pessoas viam o trabalho ali, da gente, como a salvação da pátria. Mas depois foi tudo mudando, tudo mudando, foram chegando as pessoas com empregadas... Nessa época, quase todas as fichas que nos fazíamos eram as pessoas que faziam bico, não tinha renda fixa. Era, mas era assim. Eu trabalhava com 200 famílias, não tinha 30 que tinham salário fixo, eram quase todos

autônomos, eles ganhavam qualquer coisa... servente, era mais servente de pedreiro (...) Aí depois, melhorou, veio o posto de saúde né? E em decorrência sanearam a rua e depois veio o conjunto né? Conjunto habitacional, vieram os sobrados né? Que hoje já tem primeiro andar né? (...)"

A segregação espacial e social fica ainda muito forte. Mesmo se esta é denegada pelos moradores, a Zona Norte continua sendo o lugar onde vive os índios (sic.) "lá do outro lado do rio". Ela é vista como uma zona perigosa e distante que não pertence à Natal. Mesmo sem gozar das mesmas vantagens e dos equipamentos urbanos, os habitantes da Zona Norte reivindicam uma representação política e uma identidade; por exemplo, recentemente, teve a criação de um carnaval próprio. Porém, quando se procura saber das narrativas, a referência à um corpus relativamente delimitado é lembrado : os folhetos de cordel e os romances, as histórias de Trancoso, as assombrações, etc. ²⁰ As produções narrativas aparecem então como suporte à memória e levam o locutor à um passado lembrado com saudade. Se os textos são considerados como fundadores de identidade, através do seu estudo, é possível apontar os elementos básicos da cultura dos migrantes da Zona Norte.

²⁰ Aqui, limitarei o estudo aos folhetos e aos romances.

IV Narrativas e poesia

A pesquisa ficou centrada na história de vida dos migrantes e das suas trajetórias ; numa segunda fase, pretendo desenvolver e aprofundar a análise das narrativas que começo aqui. Mesmo sem poder se aprofundar, temos colhido uma série de narrativas que é importante analisar. Se o objetivo inicial da pesquisa era coletar narrativas para poder compará-las, encontramos um problema que devemos levar em conta par os resultados da pesquisa : a literatura escrita (romances e folhetos de cordel) que é ainda bastante presente nas casas das pessoas do interior, desaparece completamente no espaço urbano. As feiras onde encontram-se os textos e os revendedores antigos da cidade desapareceram. Então, se o suporte escrito some, a referência ao texto se faz menos presente no cotidiano dos indivíduos. Porém aparecem outras narrativas que não perdem totalmente as característica das histórias tradicionais e que remetem ao imaginário comum às pessoas do interior. Porém, para entender este desaparecimento, é preciso voltar-se para a história da poesia popular nordestina na sua complexidade.

4 1 O lugar da poesia na cultura dos migrantes

A literatura de cordel, e com ela, as formas de poesia oral improvisadas, são geralmente designadas como sendo os principais emblemas da cultura nordestina e da tradição popular das populações rurais do interior (Weffort 1979 : 14). Porém, se examinamos a história desta literatura de *colportage*, percebe-se que se trata de um fenómeno relativamente recente e de cunho urbano. De origem ibérica e, pelo menos desde o século XVII, encontram-se folhetos de cordel no Portugal e na Espanha. O nome “literatura de cordel”, vem do fato que os textos eram vendidos nas ruas dependurados em fios e arames. Pouco a pouco, esta literatura popular se constitui como género autónomo e distinto das suas origens portuguesas, tratando de temas específicos à história e à realidade geográfica onde ela se implantou com mais força : o sertão.

4 1 1 Formas poéticas

No nordeste, estas narrativas em verso imprimidos com oito, dissêsseis ou trinta e duas páginas, começaram a aparecer regularmente no final do século passado nas capitais dos Estados (Terra 1983 : 1-16 ; Cantel 1993 : 26). Neste tempo, não se falava ainda de

literatura de cordel mas de folhetos de feira ou de ocasião (Almeida-Alves 1978 : 65 ; Romero 1977 :257-263). Impressos nas máquinas dos primeiros jornais brasileiros ²¹, os folhetos foram, num primeiro momento, distribuídos nos mercados, as praças e nas primeiras linhas de trem. Até os anos trinta, eram trazidos pelos boiadeiros, por mascates ou folheteiros nas feiras do interior, que andavam de burro, quando não tinha outros meios de transporte.

Geralmente, se faz a distinção entre os folhetos, menores, dos romances, pelo número de páginas e pelo assunto tratado (Cavignac 1994, 1995 a). Os folhetos que tratam de um problema particular são escritos para informar e, desta forma, abordam assuntos da atualidade (crise económica, fato político particularmente importante, desaparecimento de um herói nacional, catástrofe natural, acidente grave, etc.). Os romances, mais compridos, descrevem mundos maravilhosos onde os heróis vivem mil e uma aventuras, sofrem, amam, se vingam, são traídos e são sempre recompensados no final. Mas as narrativas apresentam uma encenação da realidade - que seja uma verificação da realidade ou variações sobre temas específicos da história e da geográfica onde o cordel conheceu o seu maior sucesso : o sertão. Os temas privilegiados dos poetas são o modo de vida tradicional nas fazendas, os perigos da profissão de vaqueiro, a saga dos cangaceiros, as brigas entre famílias inimigas, a defesa da virtude e da honra das moças de família, os saberes terapêuticos, as rezas, as lendas maravilhosas, as partidas por causa da seca, etc. ; estes temas são ao mesmo tempo origem e fonte de inspiração poética.

Hoje, a produção e a distribuição se limitam a algumas capitais de estado (Salvador, Recife, Fortaleza e muito pouco Natal), cidades do interior (Campina Grande, Caruaru, Caicó e de um modo mais irregular nas feiras das pequenas cidades do sertão) e, finalmente, nas cidades santas (Juazeiro do Norte, Canindé, Serra do Lima). Reproduzido num papel de qualidade inferior, a história é ilustrada por um desenho, uma fotografia ou mesmo uma xilogravura ; técnica que soube se desenvolver de uma maneira independente e paralelo à poesia. Porém, uma coisa fica clara : os folhetos desaparecem pouco a pouco e outras formas de poesia surgem. Essas formas são geralmente mais ligadas à oralidade ; são as canções românticas impressas em folhas soltas ou gravadas em fitas vendidas nas ruas dos centros urbanos. Essas canções da moda são também vendidas pelos folheteiros, que as apresentam como a marca da modernidade. Até, alguns folheteiros levam na feira um gravador onde eles gravaram uma versão cantada de um romance ou a história do seu

²¹ Até a independência do Brasil, era proibido imprimir no Brasil ; tudo era mandado para Portugal.

último folheto, evitando assim a perda de um cliente potencial. No momento, é raro encontrar folhetos nas feiras das cidades do interior, os folheteiros preferindo vender nas cidades maiores. As tipografias artesanais são raras, dando pouco lucro, e os poetas usam cada vez mais à xerox para reduzir o custo alto da impressão.²² Geralmente, os poetas, os editores e os folheteiros se queixam da dificuldade das condições de vida ; é preciso ressaltar que os que conseguem imprimir regularmente as suas produções são cada vez menos : todos encontram dificuldades financeiras, obrigando-os encontrar uma nova fonte de renda, ligada ou não à poesia. Na maioria dos casos eles trabalham de uma maneira artesanal e são, como no passado escritores, editores, tipógrafos e artistas de xilogravuras. A precariedade das suas situações os obrigam a ter uma atividade complementar : locutor de rádio, cantador de viola, músico, artesão exercendo uma atividade em relação com a música, astrólogo, mascate (vendedor de passarinho, de ervas medicinais, de fumo, de brinquedos, etc.). Pequeno comerciante ou artesão, o poeta pode ser também agricultor quando ele vive na zona rural (Arantes 1982 :35-37). Além disso, ele pode aceitar encomendas para servir na promoção de uma festa - política, religiosa ou uma vaquejada - , para servir de propaganda de um produto ou um comércio. Ele pode ser ainda contratado por um homem político para escrever um folheto fazendo a apologia do candidato ou fazer a animação de um comício. O cantador de viola, ele também, sobe ao palco durante os comícios para improvisar uns versos elogiando o candidato ; ou mesmo, quando ele é o candidato à eleição, ele declama seu discurso em verso. Enfim, as universidades, as prefeituras, os museus ou mesmo a Igreja podem editar um folheto apoiando uma projeto educativo. São programas de saúde pública, de ajuda a pequeno agricultor, ou de conscientização política. Estes folhetos de encomenda que são distribuídos gratuitamente, ajudam de uma forma passageira o poeta a sobreviver, mas não se tratam mais de poesia de cordel propriamente dita. Os únicos folhetos que se encontram em grande difusão, no sul e paradoxalmente no nordeste, são publicados pela editora Luzeiro, em São Paulo que reedita os grande clássicos da literatura de cordel, depois de uma revisão gramatical e uma correção ortográfica.²³ Pode-se dizer a mesma coisa com os folhetos produzidos nas cidades do interior, os centros de romarias ou as capitais nordestinas ; percebe-se que, pelo menos para os romances, existem sempre menos criações do que reedições de textos antigos.

²² Cf. os folhetos de Dominsilva em Natal (RN).

²³ Nos 214 folhetos coletados entre 1988 e 1994, um terço eram editados no Rio e em São Paulo.

4 1 2 Poesia e poetas migrantes

Mesmo se esta literatura é produzida e comercializada antes de tudo na cidade, os romances mais famosos falam do sertão. Isto se explica pelo fato que os poetas e seus leitores tem uma origem rural. . o interior nordestino é geralmente descrito como o berço da poesia : Campina Grande, Patos ou Teixeira do Norte na Paraíba, São José do Egito no Pernambuco, Açú no Rio Grande do Norte são designados como viveiros de poetas (Albuquerque, 1989 : 223). São destas cidades que saem os mais famosos, terras míticas, é ali que parece ter se fixado mais especialmente esta tradição poética e que o gosto para este gênero literário é mais acentuado.

Da mesma forma, se examinamos a biografia dos poetas de cordel, percebe-se que uma grande parte deles nasceu no sertão e depois migrou. Os primeiros - que são os mais famosos - são oriundos do interior da Paraíba, foram morar nas capitais dos estados nordestinos : por exemplo Francisco das Chagas Batista, nasceu na Serra da Borborema²⁴, João Melquiades Ferreira da Silva, “O cantor da Borborema”, amigo e compadre do primeiro²⁵ Leandro Gomes de Barros nasceu perto de Pombal Pb., migra no Pernambuco em 1889 e instala-se definitivamente em Recife em 1908 onde vai conhecer um enorme sucesso editorial. Também, João Martins de Athayde, que adquiriu os direitos autorais do Leandro após sua morte - em 1921 - nasceu também no interior da Paraíba²⁶ Finalmente, é preciso lembrar a importância de Francisco Rodrigues Lopes (1878, Olinda, Pe. - 1946, Belém, Pa.) para a produção, a reedição e a difusão dos folhetos nordestinos em Belém do Pará nas primeiras décadas do século vinte ; suas publicações eram antes de tudo

²⁴ Ele mora um tempo em Campina Grande onde ele publica o seu primeiro folheto em 1902, parte para Belém e volta na Paraíba onde ele abre a famosa *Livraria tip. popular editora* em João Pessoa que continuou funcionando até 1932. Francisco das Chagas Batista (1882-1930) e Pedro Batista (1898-1938), são os netos de Agostino Nunes da Costa (1757 ou 1797 - 1858). Cantador, ele pode ser considerado como o ancestral “totêmico” dos poetas. Pedro casa com uma prima materna - filha de um cantador - e Francisco torna-se o genro de Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e reeditará os seus folhetos depois da sua morte.

²⁵ Ele participou da Campanha de Canudos em 1897 como soldado e contou isto num folheto intitulado *A guerra de Canudos*, de J. M. F. da Silva, s. d. (começo do século), s. l. , s. ed. Ele migra também para o Norte (Acre e Pará), antes de voltar para João Pessoa onde morreu em 1933.

²⁶ Ele morava em Cachoeira de Cebolas, município de Ingá do Bacamarte, Pb. ; ele vai para Recife onde abre em 1909 a primeira tipografia de folhetos que continuará funcionando até 1949. Em 1950, José Bernardo da Silva (1916-1972) compra os seus direitos autorais e se tornará o maior editor de folhetos entre os anos cinquenta e setenta ; eram caminhões e mais caminhões que saíam da folhetaria São Francisco. Suas filhas continuaram durante alguns anos as atividades da tipografia (Salles, 1985). Ruth Brito L. Terra (1983 : 46) cita uma entrevista dada por João Martins de Athayde em 1944 para o *Diário de Pernambuco* onde ele conta como ele teve que migrar para Camaragibe Pe. em 1898, durante uma grande seca.

destinadas aos nordestinos fugindo da seca terrível de 1877 - entre outras - que tinham migrado para trabalhar nos seringais. A edição Guajarina publica de 1914 até 1949 folhetos e romances de cordel, revistas humorísticas e modinhas, o que representa uma concorrência grande para as edições nordestinas (Salles 1971). Os “clássicos” que na maioria são assinados por Leandro Gomes de Barros, foram reeditados lá sem comportar nenhuma menção do autor original ou mesmo eram publicados como folhetos anônimos. Produzidos em Belém eles eram depois distribuídos nos estados do Norte (Amazonas, Acre, Pará) e no nordeste (Pauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará - no Juazeiro por José Bernardo da Silva). Outros poetas como Firmino Teixeira do Amaral ou Delarme Monteiro continuaram viajando entre o Nordeste e o Norte, onde muitos descendentes de imigrantes nordestinos instalaram-se. Nas primeiras décadas do século XX então, a cultura nordestina se exporta para Amazônia graças aos seus folhetos que são em parte reexpedidos para o Nordeste. A partir dos anos cinquenta este fenômeno vai se repetir, intensificando-se, com as cidades do Sudeste (Rio e São Paulo).

Esta difusão da cultura nordestina através dos seus textos, suas músicas e seus poetas, vai seguir as ondas de migração que vão se suceder. Mesmo se esta literatura se exportou no país inteiro, ela fica bastante fiel às suas origens, criando novos temas adaptados ao novo contexto. Pode-se afirmar então que, apesar da distância geográfica, temos um exemplo de um fenômeno homogêneo. As Criações poéticas e narrativas ficam relativamente coerentes comparando com as do nordeste : os novos folhetos retomam os mesmos temas e as mesmas personagens e, sobretudo, para os romances, encontram-se estórias escritas num mesmo modelo do que do nordeste, do ponto de vista da linguagem ou da estrutura narrativa. Muitas vezes são simples reproduções do texto sem menção do autor. Assim, desde sua aparição o cordel tem um destino migrante ; os temas da partida e da chegada na cidade - com todos os seus inconvenientes - fazem parte do repertório dos poetas. Da mesma forma, os poetas vivem a experiência da migração e a relatam nos seus escritos.

Porém, é preciso relativizar a imagem da homogeneidade do fenômeno no caso dos folhetos urbanos e especialmente os que foram encomendados - às vezes até a forma versificada desaparece. Os autores se afastam mais e mais dos seus leitores tradicionais, encontrando compradores potenciais - turistas, pesquisadores, homens políticos, artistas, curiosos, etc. - que não se preocupam com as regras de composição narrativas e poéticas, que antes garantia um sucesso editorial. Acontece a mesma coisa com a gravura que

ilustra normalmente os folhetos : alguns xilogravadores usam da mesma técnica para realizar obras que vão ser comercializadas fora das redes habituais.²⁷

Se hoje os folhetos de cordel são considerados como fazendo parte da tradição eles estão ficando escassos. Eles são ainda presentes de maneira significativa unicamente nos centros de romarias - inclusive numa praça central de Natal onde é cultuado o Padre João Maria : ele obra milagres. O sumiço dos folhetos é anunciado desde sua aparição - ou quase ! (Romero 1977). Pode ser explicado pelo uso da escrita numa tradição oral : o texto - impresso num suporte frágil - desaparece na frente da estória que passa a pertencer à oralidade. Mas se o papel tem uma vida bastante curta, isto não quer dizer que não existem mais criações narrativas nem poetas, pelo contrário. Outras narrativas vão tomar como modelo a trama narrativa do romance preferido e vão grudar ao que foi aprendido para aumentar o lote das estórias tradicionais. Este paradoxo explica-se pelo fato que no Nordeste a voz, a memória e o verso improvisado são geralmente mais valorizados do que o livro. Mesmo se no interior encontram-se mais compradores de folhetos do que no litoral e nas cidades, é importante sublinhar que para os migrantes esta literatura é central na construção e na reivindicação de uma origem rural e de uma identidade regional.

4 2 As histórias da Zona Norte

Encontremos principalmente dois tipos de textos. De um lado, misturados às histórias de vida encontram-se descrições do passado de Igapó, quando a Zona Norte não existia ainda e que o vilarejo tinha todas as características de uma cidade do interior. De um outro lado, temos uma explicação de porque Igapó não se desenvolveu e não conseguiu beneficiar do progresso que existe na Zona Norte. Nos dois tipos de textos, temos exemplos da intromissão do imaginário junto ao real, passado e presente. Enfim, temos colhido poesias criadas pelos entrevistados, sem que eles sejam poetas profissionais, com uma exceção.²⁸

²⁷ Por exemplo : Ciro, Marcelo e Jerónimo, filhos de Zé Soares que buscaram um novo suporte que o folheto para exercer a sua arte (Maxado 1980).

²⁸ O poeta-violeiro Raimundo Galdino foi contactado no final da pesquisa ; numa segunda fase, pretendemos voltar a investigar a existência de poetas profissionais (violeiros, já que não existem poetas de cordel em atividade) na Zona Norte através deste contato.

4 2 1 Igapó e o começo da Zona Norte

É interessante voltar aos textos originais para entender a visão do passado e também da Zona Norte. Assim Seu Xixi, designado pela comunidade como o detentor da memória de Igapó, apresenta a história da Zona Norte nos seguintes termos :

“Igapó era a tribo, quando os holandeses vieram eles já tinham desaparecido.²⁹ Só Felipe Camarão expulsou com a esposa Clara e Henrique Dimas e outros também. Ele (Felipe Camarão) já estava manso e recebeu dois títulos por que nasceu aqui em Igapó só não tem quem diga onde ele morava. Eu sei que ele era o chefe dos potiguares, a tribo do Rio Grande do Norte, eles moravam à beira do Rio Potengi. Depois ele foi agraciado com o título de Dom Antônio Felipe Camarão pelo rei da Espanha D. Henrique. O Brasil primeiro foi colônia da Espanha durante sessenta anos quem descobriu o Brasil foi Portugal ... ele era mandado pela Espanha e o rei deu o título a sua mulher também Clara Camarão. Quando D. Pedro voltou da guerra vencedor, separou tudo da Espanha, aí o Brasil passou a ser sob as Leis de Portugal quarenta anos, o Brasil foi colônia durante cem anos até a independência. (...) Eu tinha essas história todinha, quem fez foi Dona Fefita e não me lembro bem tá tudo no caderno (uns documentos com tudo das terras). Mas o nome dela era Maria Bezerra Cavalcante era dona das terras todinha ela doou para a Igreja, mas a Igreja não tem nada porque se apossaram de tudo. Pois bem, D. Maria da Cruz ela foi a primeira Professora ela dava caderno, livro e dava até merenda seu trabalhar na prefeitura.”

Depois a referência à origem de Igapó e à história oficial, Seu Xixi continua descrevendo o lugar com a presença americana, pulando alguns séculos. Em 1940-45 - na segunda Guerra Mundial moravam os americanos em Igapó, eles fizeram um campo de pouso que desapareceu depois da Guerra e só deixaram a base de Parnamirim. Em 1950 ele se lembra que todos os habitantes de Igapó trabalhavam no centro de Natal e iam para

²⁹ Numa outra entrevista Seu Xixi sublinha : “A tribo era aqui em Igapó, os holandeses ficaram na Cidade Alta (no Forte) e moravam em Extremoz e fizeram uma Igreja que tinha um túnel (que vinha de Extremoz até o Forte e havia uma fortuna)”. Essa versão foi encontrada várias vezes ao longo da pesquisa, com algumas variantes de nacionalidade dos colonizadores (franceses).

a feira do Alecrim a pé. O trem saía de manhã e só voltava a noite. No Alecrim existia um bonde até as Rocas. As oficinas tinham saído do bairro e a Ponte de Ferro tinha mão e Contra mão. A linha de Trem ia até a margem do rio (estação) e passava para uma canoa que descia no bairro Passo da Pátria. Naquela época, Igapó só tinha uma rua, a rua Siqueira Campos até o Km 8 - lugar chamado Galo porque tinha um primeiro andar. Até Redinha e até o Gancho era tudo mato.³⁰

Israel, que escolheu fazer um “tour” em Igapó para lembrar a sua vida toma também como marco histórico a presença dos Americanos :

“Aqui morava minha primeira namorada. Aqui era mata (no conjunto Igapó) e a COHAB construiu o primeiro conjunto que deu o nome de Igapó e era vizinho a minha casa que eu me criei. Com seis anos depois da Guerra de 45 viemos de Natal fugindo da guerra, nós recebemos umas ameaças, nós morávamos pertinho dos fuzileiros navais e lá teve um tiroteio que deixou todo mundo tenso e aqueles carros blindados passaram do Alecrim para as Quintas e a ponte de Igapó ficou interditada. Na antiga ponte que não passava carro nessa época, e os soldados estavam com medo de bombardear a ponte e terminou com a passagem de um Zepelim que passou muito baixo e agitou o bairro que era o campo do Riz. Papai trabalhava no curtume de Jota Mota que era em frente a base naval só que começou com o couro salgado e depois tirava o sal e botava casca de mangue.... e fazia a sola de sapato e quando teve esse problema papai já sabia que ia trabalhar na rede ferroviária e eu vi a construção dos conjuntos em 1968/69 aqui em Igapó.”

Esta representação do espaço é comum a todos os moradores antigos da Zona Norte: antes - no momento que eles chegaram - não tinha nada, era só “mato”, sem ter os sinais do progresso que são visíveis hoje : eletricidade, saneamento básico, transporte, comércios, etc. Parece que todos foram os desbravadores da Zona Norte, assistindo à sua construção.

Depois, nosso historiador Seu Xixi faz referência a uma época mais recente, que corresponde mais ou menos à expansão da Zona Norte e a construção acelerada dos

³⁰ Silvio Pedrosa fez a estrada de Igapó em 1955, quando Dix-sept Rosado era Governador, segundo Seu Xixi.

conjuntos habitacionais. A Zona Norte começa a parecer com que existe hoje. Ele lembra o papel dos políticos mas também de um padre Belga, Pe. Thiago que acompanhou esta fase (1969/70) - e até hoje celebra missas em alguns bairros da Zona Norte - e que trouxe bastante benefícios para a comunidade : construção de escolas, creches, centros comunitários, animação de grupos de jovens, etc. Para se lembrar da época da construção das obras, ele faz referência ao governo de tal político. Por exemplo, o primeiro conjunto habitacional a ser construído foi o Conjunto Igapó durante o governo de Lavoisier Maia, em 1963. Durante o governo de Mons. Walfredo Gurgel, em 1965, foi feita a ponte de cimento armado e foram loteados os terrenos da Zona Norte. O conjunto Amarante foi feito depois da instalação das fábricas: SPARTA, SERIDÓ, INCARTON. Fábricas textis que foram construídas depois de 1982 e duraram no mínimo oito anos. Ele lembra ainda que a fábrica SPARTA abriu na época que o mandato de deputado Aluázio Alves foi cassado. Foi ele que permitiu a construção das fábricas, pois ele era sócio majoritário.

Elba, que trabalhou até fechar as fábricas também lembra este tempo dos pioneiros onde nada era fácil :

“Foi eu cheguei primeiro em Igapó, é nessa época, era tudo difícil né ? Tá com dezesseis anos que eu vim morar em Igapó, dezesseis anos atrás o negócio era outro, ônibus era muito difícil tinha pouco dois, três só de cada linha, tudo era muito difícil, emprego muito difícil também. Eu, quando comecei a trabalhar na Esparta, por ironia do destino eu morava em Candelária e vinha trabalhar na Esparta, aí depois quando eu vim morar em Igapó passei a trabalhar em Neópolis (...) depois, depois vim morar no Santa Catarina né ? No conjunto novo bonito foi quando eu recebi aqui o conjunto minha casa no conjunto Santarém só que quando eu vim morar aqui, coitado do Santarém, nem ônibus tinha, pra pegar ônibus tinha que ir ou pra Santa Catarina ou pra estrada da Redinha. Era, era um sacrifício realmente, era um sacrifício. Eu saía de onze horas do trabalho lá da Alpargatas, chegava em casa meia noite, porque uma hora era pra ‘tá andando a pé, descer lá no Santa Catarina e vir. Era um perigo muito grande mas também naquela época existiam menos marginais né ? É, e quer dizer não é que existisse menos é que eles ainda eram novinho’ (...) mas hoje em dia não, hoje em dia a Zona Norte tá ótima. Nossa ! É uma beleza ! Tem tudo, tem banco, tem ... tem os melhores

supermercados, tem ônibus, nem se fala ! Tá bom demais a asa norte, eu mesmo gosto muito daqui.”

Mas esta visão positiva da Zona Norte não é partilhada por todos. Alguns acham que a Zona Norte - e sobretudo Igapó - não beneficia do progresso da modernidade como deveria. Isto, geralmente, é atribuído a um fato sobrenatural.

4 2 2 A maldição de Frei Damião

Para explicar porque Igapó ficou com os traços de uma cidade de interior, alguns dos nossos interlocutores contam a história de Frei Damião : Frei Damião veio pregar na igreja de Igapó, mas como teve muita confusão (“bagunça”), ele amaldiçoou a Praça de Igapó.

Dona Maria de Baia apresenta a versão mais completa :

“Frei Damião se hospedava na casa de dona Cruizinha ³¹... passava oito dias...quinze, aí depois houve uma briga com uma pessoa, um senhor que já faleceu mas a filha dele ainda existe ... houve uma briga que ela não sabe porque e aí Frei Damião disse: - Enquanto eu existir, dentro de Igapó não pisarei. Quando eu chegar aí em Igapó que eu estou perto de morrer, Igapó vai terminar no pó” (incompreensível) (e justamente) Igapó nunca irá pra frente, prá lá vai crescer, aqui dentro não De fato você vê. Porque o que é que tem aqui na praça ? Não tem um armarinho, não tem uma padaria, não tem uma farmácia, e o que bote vai pra baixo ... tudo que inventam botar, vai desce. Você vê essa praça ... tudo bacana (incompreensível) aí o pó, é o pó mesmo (...) Eu sei que ele disse essa palavra ... que dentro de Igapó ele não pisaria nunca mais, ele não pisaria dentro de Igapó e Igapó ia terminar no pó, tudo quanto botasse aqui não ia pra frente, só ia crescer pra lá, pra cá não. Você vê que aqui não tem ... essas casas, aqui essas casas são tudo própria, são as mesmas casas, construíram em terreno baldio e nos quintais para os filhos. Aqui a gente paga somente a terra, somente a terra.”

³¹ Uma das fundadoras de Igapó.

Segundo Seu Xixi, este fato aconteceu em 1952 ou 1953 ; ele confirma e insiste na maldição responsável do atraso :

“(...) foi Frei Damião que disse que a ponte ia cair, foi que inventaram. É tanto que ela não caiu. A outra ponte de ferro, fica até homem e só não serve porque venderam.”

Esta explicação é interessante por dois motivos. Primeiro porque apresenta uma explicação do atraso da praça de Igapó e que anuncia a entrada do sobrenatural no universo das narrativas. Lembra também a versão da história de Igapó onde os Holandeses tomam o papel dos Portugueses na colonização do espaço ; são eles que descobriram, exploraram e levaram as riquezas para fora do Brasil. De uma forma impar, aparece que são os Holandeses que deixaram os marcos históricos no interior do Rio Grande do Norte (pinturas indígenas em particular), em Natal, o Forte dos Reis Magos, e na Zona Norte : duas casas de pedra e a antiga ponte de ferro. Por outro lado, a existência do túnel ligando a Zona Norte ao Forte dos Reis Magos, remete à existência de mundos sobrenaturais, adormecidos e subterrâneos, povoados de seres misteriosos, de animais e de espíritos.

A referência às aparições misteriosas ou demoníacas é frequente nas histórias de cordel ou na tradição oral, geralmente consideradas como ficções.³² Nelas, encontram-se uma descrição fiel dos seres sobrenaturais e sobretudo dos reinos encantados. Existiria mundos adormecidos, que teriam desaparecidos depois do dilúvio ou que teriam desaparecido no mar e que continuariam existindo apesar da sua invisibilidade. Esses mundos adormecidos correspondem a uma situação geográfica na paisagem. Os lugares não habitados, não cultivados e situados na montanha são carregados de mistério e de aparições : animais, monstros que defendem uma bela princesa presa nas entranhas da terra. Esses seres sobrenaturais vem se juntar com os outros monstros, diabos e espíritos que moram no universo das forças negativas e perigosas e se integram no sistema de representações das forças sobrenaturais seguindo uma mesma lógica. Geralmente as aparições sobrenaturais são chamadas de almas. E é válido para todos os fenómenos estranhos. As almas podem ter acções benéficas ou maléficas porque elas podem atormentar os vivos como podem prestar serviços - a uma condição que rezam para o seu descanso eterno. Essa bivalência corresponde aos diferentes aspectos nos quais as almas podem aparecer e às condições requisitas para suas aparições : a noite, a sombra, os

³² Temos algumas narrativas contando aparições de almas e assombrações, em particular cf. Israel.

sonhos e/ou os lugares não habitados. Se os espíritos dos mortos - humanos ou animais - aparecem na forma de pássaros noturnos e surge das trevas, eles aparecem também nos sonhos dos vivos. Neste caso as almas, - espíritos dos ancestrais ou dos antigos moradores do lugar - não são muito perigosas e peçam uma comida espiritual : umas rezas. Essas almas vagando, procurando o descanso eterno, são muitas vezes parentes ou familiares que são identificados porque aparecem com uma aparência humana. Graças às suas aparições fugitivas, à seus passos pesados, à suas mortalha branca, ao seus gemidos são facilmente perceptíveis. As almas acordam os vivos, chamando pelo nome, batendo na porta, fazendo barulho, etc. A bivalência do mundo dos mortos que se revela às vezes positiva e às vezes negativa é reforçada pelo caráter humano e animal das aparições ; a indeterminação é reforçada pelo fato que as almas parecem ser agrupadas num mesmo lugar natural. Neste caso, não são mais mortos familiares mas são ancestrais estrangeiros ao grupo familiar ou de residência que aparecem fora dos lugares habitados. Esta representação animal dos espíritos corresponde - em parte às caiporas, espíritos de ancestrais indígenas e autóctone morando nas florestas e nas montanhas. Elas são descritas como sendo almas penadas ou como *triskter* (espírito gozador e cruel) e podem ser consideradas como uma manifestação ambígua da potência do universo sobrenatural no mundo selvagem. Da mesma forma, as almas penadas e os santos aparecem regularmente nesta natureza muito habitada pelos seres sobrenaturais. Enfim, as montanhas e as pedras perto da moradia das caiporas são também o lugar onde são escondidos os tesouros, onde são presas princesas encantadas, os monstros ferozes, os humanos transformados em serpentes ou em animais mágicos.

A descrição do mundo natural e sobrenatural que nós fizemos vale para o sertão. Mas o que acontece no meio urbano ? Essas representações do mundo sobrenatural são rejeitadas no passado e no universo das narrativas e são geralmente descritos como existindo em baixo da terra. Numa versão de Cinderela, Seu Nazareno Patrício faz referência à existência reinos encantados :

“Era privada [a Princesa] de sair pra qualquer setor mas era muito bonita. Então pelo um motivo qualquer conseguiu uma festa, havia uma festa no reinado e nessa festa apareceu essa pessoa lá toda ajeitada que foi protegida por uma pessoa que protege pessoas pobres, aí arranjou roupa pra ela, sapato bacana todinho e na hora de da festa ela entrou na festa e ficou brincando. Era a mais bonita do salão, todo mundo atrás de saber quem era e na hora (...) ela corre e deixou o sapato. E esse sapato foi com que

ela fez o disse que quem achasse de quem era aquele sapato o filho do rei se casaria com essa menina essa moça sabia que era filha de algum reinado, mas deixa que era pobre aí (...) o pé de uma e de outra e de outra, de outra, até que conseguiram o pé coube esse sapato, que esse sapato era todo bacana chamava *chapi*, esse sapato dava o nome de *chapi*, saí coloco no pé dessa coitada bonita, aí deu no pé dela, não dava no pé de ninguém só deu no pé dela (...)Aí procuraram ver se ela tinha outro sapato. Tinha. Aí fez o casamento que o rei não podia voltar a palavra atrás teve que casar com a filha de pobre (...) É pois é, esse caso foi uma espécie de um encantamento, ela essa menina entrou lá como um encantamento uma coisa linda no salão, um vestido(...) e pela ganância eles pensavam que era filha de outro reino que não conhecia e queria casar o filho dele com essa moça e no final era um pobre. Aí calou, teve que casar naquele tempo palavra de rei não voltava atrás (...)

Os reinos mágicos dos romances podem ser então comparados aos “Reinados Encantados” descritos nas narrativas orais. Podem ser então considerados também como lugares sobrenaturais adormecidos. Estes mundos chthonianos, povoados por seres fantásticos, com poderes limitados, são fechados e invisíveis ao olho humano sem experiência. Eles representariam mundos desaparecidos ou se encontrando no estado de natureza. Eles são opostos às manifestações divinas ou malignas (santos, diabos, monstros, etc.) ou então às dos espíritos dos mortos que vagam na face da terra (caiporas, almas).³³ No final da análise, os reinados encantados aparecem como lugares intermediários entre o mundo dos ancestrais, o mundo selvagem e o mundo dos homens.

4 3 O lugar de origem

³³ Seu Nazareno Patrício faz referência à Besta Fera : “Era, era o cavalo do Cão e dizia que o nome era .. tinha o cavalo do cão, era voando, e por terra é a Besta Fera, dava o nome de Besta Fera (...) aí hoje ‘ta aí tudo servindo de transporte, não existe nada disso (...) ainda tinha até um número da Besta Fera era ela vinha com um número era 7766 (...) quando se viu o cavalo do Cão ou a Besta Fera com esse número a pode ficar que era a besta fera já ‘tava perto do mundo se acabar mesmo(...)”

A referência ao lugar de origem traz também várias narrativas de fundação da cidade, que, em geral tem como ponto de partida, um santo. Essa narrativas servem como marcadores de identidade nos quais os migrantes se reconhecem.

Assim, várias narrativas apresentam viagens de Nossa Senhora ao seu lugar de origem. Geralmente dois protagonistas entram em cena : a mãe do Cristo e um colono com um estatuto definido (caçador ou missionário), morando há vários anos na região. A Virgem aparece sempre como uma figura autóctone porque ela volta sempre de onde ela vem. Ela apresenta de uma força vital porque ela consegue levar junto com ela os homens e a convertê-los. Ela é viva e o seu deslocamento é impossível, uma vez que ela esta no seu lugar de origem e que a sua aparição num espaço ainda não habitado. Este tipo de história corresponde com as aparições clássicas de Nossa Senhora e que se encontram em outras regiões do mundo, é preciso salientar que a narrativa é sempre integrada à história local e que corresponde ao período de exploração da região. Essa explicação da fundação de um vilarejo ou uma cidade por um santo pode ser ligado à várias histórias que dão específicas à região. Assim, as circunstâncias e os personagens podem mudar, mas o objetivo é sempre ilustrar o poder da Virgem e do milagre inicial ; quer dizer de reforçar a fé dos fiéis.

Esse esquema quase universal da aparição da Virgem e a repetição dos episódios que é marcada pelo um ritmo ternário mostram que, se a trama narrativa parece fixada uma vez por todas, transmitida desde as primeiras tentativas de evangelização missionária sem muita modificação. Porém a história é atualizada por uma adaptação por uma adaptação dos elementos variáveis (personagens, lugar, data, circunstância, etc.) à um conteúdo local Parece mesmo possível dizer que essas adaptações locais são o fruto de reinterpretações que reproduzindo a estrutura narrativa, vão descrever as relações que os sertanejos tem com o mundo sobrenatural. Assim, temos um exemplo narrativo da volta de uma estátua da Virgem voltando para o seu lugar de origem, a história de Nossa Senhora da Vitórias em Carnaúba dos Dantas contada por Seu Nazareno Patrício. Apresentando a versão oficial resumida, podemos analisar esta narrativa que apresenta uma história de migração e de volta para o lugar de nascimento.

Pedro Alberto, nativo de Carnaúba dos Dantas, vai para Amazônia como seringueiro. Ele fica muito doente (beribéri, Cólera, lepra, febre forte, segundo as versões). Num sonho ele vê uma mulher vestida de branco que diz para ele que se ele quiser ficar curado era preciso levar até o Monte do Galo uma estátua à sua imagem. Ele fica curado e junta dinheiro para voltar. Ele começa a procurar a santa e encontra grandes dificuldades. Enfim,

ele descobre que se trata de Nossa Senhora das Vitórias. Ele volta para C. dos Dantas e idealiza o santuário do Monte do Galo que era antes famoso para ser um Reinado Encantado e que vai ficar sendo o maior lugar de romaria do Seridó.

Essa história insiste sobre a aparição nocturna da Virgem que é na origem da volta do exilado. Aqui a estrutura narrativa se modifica, mesmo se a temática geral é respeitada. A Virgem que é muitas vezes associada a uma santa pelos seus nomes diferentes, deseja voltar no seu lugar de vida : o Monte do Galo, mesmo se é só na forma de uma representação material. Essa romaria, que é o preço para pagar para ter uma cura milagrosa é, no mesmo tempo uma volta simbólica.³⁴ A imagem santa funciona então como um marcador de autoctonia : ele lembra à Pedro Dantas que o Seridó é o seu lugar de nascimento. Pagando a promessa, o protagonista será recompensado (uma cura milagrosa). Ele deverá retribuir por um sacrifício que será feito junto à uma procura. O gesto emblemático que consiste em trazer uma estátua num lugar ainda deserto, selvagem e misterioso, é realizado depois, construindo um santuário.

Este lugar santo não será na origem da cidade, já que existe um vilarejo a dois quilómetros mas se tornará um lugar para romaria e Pedro Alberto tomará conta do santuário até a sua morte. Essa narrativa que conta a fundação de um lugar santo pode ser lido como um conto maravilhoso já que aqui todas as regras essenciais do esquema narrativo são respeitadas. Descrevendo e explicando uma devoção, essa narrativa gera práticas rituais fundadas no culto dos santos e na retribuição simbólica que necessita a participação efetiva do miraculado às romarias. Assim, a história factual é sempre reinterpretada no modo milagroso ou maravilhoso. Enfim, o lugar reservado aos ancestrais - primeiros proprietários fundiários legais ou construtores de santuários - na legitimação da distribuição desigual das riquezas, deixa transparecer uma representação da sociedade que se inspira no modelo da família estendida. É aqui que se ilustram as ligações de solidariedade entre os indivíduos que tem estatutos desiguais. Mas, se tradicionalmente a filiação e a aliança são geradoras da identidade coletiva, o modelo da família parece também organizar o sagrado. A mãe do Cristo tem um papel determinante na elaboração do sentimento de autoctonia. Essa entidade feminina sobrenatural, associada à figura da mãe, aparece na natureza e nos sonhos, parece ter um papel

³⁴ Normalmente é o contrário : o homem peça à santa uma ajuda.

importante na identidade do migrante que continua ter uma ligação forte com sua região de origem.³⁵

Essa referência a um lugar fundador lembra três elementos chaves na identidade dos habitantes do interior : é a referência à essas histórias que nós permite saber se a pessoa continua ter uma afinidade com o lugar de nascimento. Um primeiro elemento de natureza sagrada pode ser destacado : a cidade é fundada por um santo (a) autóctone que foi descoberto (a) no mato. Um segundo elemento pertencendo ao maravilhoso : a existência de mundo antigos, adormecidos e subterrâneos. Enfim, um elemento histórico que fecha a representação do passado e do espaço é a presença dos heróis-desbravadores que vieram povoar uma terra inocuada e trouxeram a civilização. Se essas narrativas remetem ao lugar de origem e, ao mesmo tempo à identidade individual, elas se encontram geralmente junto à outras que descrevem a infelicidade na hora do exílio.

4 4 A infelicidade em prosa e verso

Os temas do exílio e da partida estão presentes em vários textos. São sempre vistos como dolorosos e necessários mas são geralmente apresentados como temporários. Os folhetos, como algumas canções, mostram a desgraça de uma maneira normativa. A seca é a primeira responsável da infelicidade e da partida : o gado é vendido - quando não morreu -, as terras são abandonadas, famílias inteiras partem para poder sobreviver... Cenas de migração dramatizadas. Um trecho da canção “A seca devoradora”, d’Eliseu Ventania, poeta famoso de Mossoró, resume bem a situação :

(...) O sol esquentando, seca a terra, abrandando o vento
 O sofrimento para o povo é sem igual
 O fazendeiro lamentando sua sorte
 Vê o transporte carregando o pessoal
 Para São Paulo, Paraná e pra Goiás
 Minas Gerais, Mato Grosso e Maranhão
 Só a cigarra nesse tempo é que insiste
 Oh ! quanto é triste a seca no sertão (...)

³⁵ Quando se trata da Zona Norte, a identificação parece difícil porque a referência aos santos fundadores não é imediata.

São estórias que refletem a realidade ou que apresentam o pobre agricultor que é obrigado a migrar. Porém, a imagem do sertanejo arrancado da sua terra, submetido à miséria material - e afetiva - e, afinal, submetido ao absurdo da vida moderna serve também, às vezes, a desenhar uma caricatura do camponês rústico. Assim existem uma multitude de folhetos descrevendo a chegada do matuto na cidade. É interessante notar que esses folhetos - muitos são obscenos e sempre preconceituosos - são às vezes escritos por poetas que sofreram na pele o que eles estão contando.³⁶ Ao contrário do matuto, o amarelo representado pelo famoso João Grilo, por Cancão de fogo, ou Pedro Malasartes, é um órfão divertido que tem uma inteligência fora do comum. Ele atormenta os ricos, rouba os aventos, torna os padres ridículos e a sua vida é uma mistura de vagabundagem e de pobreza. Esse destino lembra o de numerosos migrantes, propondo uma imagem muito mais positiva do que a do matuto e permitindo então uma identificação imediata do leitor - ou do ouvinte - com o personagem.

Do mesmo modo, nas histórias de vida, a partida é apresentada como uma derrota : a viagem torna-se uma necessidade para sobreviver ou melhorar de vida (Sarti, 1995). O exílio é visto como insuportável mesmo se alguns entrevistados justificam a migração com argumentos como o gosto da aventura e da liberdade. Longe de ser uma liberação, fica implícito que o indivíduo tem de enfrentar um mundo estrangeiro e hostil onde ele só poderá contar consigo mesmo (Garcia Jr., 1989 : 163). Porém, os que voltam para o nordeste - e mesmo se não atingiram os seus ideais - terão uma posição melhorada (Souza, 1982 : 128). Seja uma história organizada numa estrutura narrativa ou que o tema seja tratado nos folhetos ou ainda que o discurso cotidiano e as histórias de vida colocam a seca como sendo a principal responsável da infortuna pessoal, nessas narrativa, encontra-se uma lógica subjacente que é a da cultura. Enfim, os temas da seca e da partida parecem apresentar uma síntese da desgraça dos sertanejos.

A viagem, a aventura, o exílio, a vontade de “subir na vida”, o amor e a honra são os assuntos centrais dos romances. Esses elementos são encenados numa estrutura narrativa bastante fixada . O cenário e as personagens podem variar ao infinito mas o final é sempre previsível; às vezes ele é anunciado desde o começo da estória. A referência a motivos antigos é freqüente : reinos encantados, monstros, princesas, reis e

³⁶ *As aventuras de um estudante caipora* de J. M. de Athayde, *O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo* de J. Parafuso, *O matuto e a cidade* de D. Pinheiro, *O matuto e o ciúme* de J. Barbosa, *O matuto e o progresso* de J. M. R. Brandão, *Um matuto do sertão chegando no Rio de Janeiro* de A. A. dos Santos, etc.

sábios povoam os romances em verso e as estórias de Trancoso - que são as versões orais dos romances. Da mesma forma que há uma apresentação normativa da seca nos folhetos e nas canções, encontram-se temas comuns aos romances e às canções. Nesses poemas cantados, fala-se essencialmente da separação e do afastamento dos amantes, dos amores impossíveis e proibidos. Objetos simbolizam o amor, como na canção do lenço da autoria de Severino Pelado que usa a metáfora presente no romance “Pedrinho e Julinha” de J. C. de M. Rezende : um lenço bordado com as iniciais da noiva que jurou fidelidade. Assim, a repetição da trama narrativa, o decorrer dos episódios, a referência aos mesmos motivos e uma apresentação similar no escrito e na oralidade deixa aparecer formas narrativas bastante estáveis.

Quando examina-se algumas estórias isto fica claro. No caso dos contos que falam de reinos encantados ou de países longínquos ou ainda, no caso das estórias que tem como quadro o Brasil atual, as narrativas se referem sempre a interesses econômicos e a um mundo comandado pela emoção e o sentimento : amor, inveja, amizade, piedade, companheirismo, fidelidade, etc. O texto, seja oral ou escrito, segue a mesma seqüência e coloca em cena personagens que conheceram um destino idêntico ³⁷. Podemos resumir a maior parte das estórias assim : uma jovem rica e bonita gosta de um rapaz corajoso mas pobre. A união dos dois é contrariada pela intervenção do pai da menina. O noivo (ou os dois) deve então fugir para longe da ira paternal da amada. Separados ou perseguidos, muitas vezes caindo na miséria, eles conseguem se encontrar de novo, desta vez com o acordo das duas famílias. Tendo conseguido “melhorar de vida”, o menino pobre fica rico e pode casar com a moça (princesa), tomando o lugar do sogro (fazendeiro, patrão, rei, etc.). Depois de ter passado nas provas do amor - que são também as da “vida lá fora” - a união é consagrada pelo casamento religioso. Este reconhecimento social e moral coincide com a volta dos amantes ao lugar de origem, ao fim da busca ou de uma viagem, ao restabelecimento da ordem e da harmonia familiar.

Geralmente, mesmo tratando-se de uma ficção, o romance deve ser realista. Detalhes verdadeiros - local de nascimento, profissão do protagonista, topônimos, patronímicos, etc. - permitem uma identificação do leitor à estória. Esses recursos clássicos deixam claro o desfecho do destino dos amantes virtuosos mas revelam também o peso da autoridade masculina - seja o pai, o amante ou o marido. Assim, uma moça deve ser preservada dos olhares dos homens e da mesma forma, ela é sempre protegida (ou ameaçada) por uma figura masculina. Fora a heroína, as mulheres (mãe, sogra,

³⁷ Cf. *A princesa Maricruz, A queda do egoísmo, Aladim e a princesa de Bagdá, As aventuras de Laureano e Carminha, Cidrão e Helena, O cachorro dos mortos, O romance de João Cambadinho ...*

madrasta) não tem um papel importante. Se a moça tem como universo cotidiano a casa dos pais, ela o deixa para construir um novo lar e não para trabalhar ou para viajar - como é o caso dos rapazes. Muitas vezes, um animal, uma árvore, um rio, ou qualquer outro elemento natural é testemunha das juras de amor ou revelam aos homens a verdade. A natureza então, aparece como a materialização de uma união sagrada e harmoniosa. Os noivos voltam para estes lugares para construir as suas casas, depois de ter perdoado aos pais avarentos e materialistas. Afinal, é a metáfora do lugar de origem e corresponde à idéia que é melhor ser pobre em casa (i. e. com a sua família) do que partir e conhecer os sofrimentos ligados ao exílio e à solidão. Nos temos aqui uma adaptação dos contos maravilhosos a uma realidade vivida pelos migrantes ou, ao contrário, uma romantização da experiência humana e da vida cotidiana.

V CONCLUSÕES

A pesquisa, já avançada, precisa ir mais adiante para aprofundar uns elementos-chaves para a compreensão do fenómeno da migração. É importante salientar também que foi preciso levantar as histórias de vida de todos os entrevistados antes de poder tocar no assunto das narrativas ; isso também explica porque não foi possível fazer uma análise imediata das histórias.

Além disso, a dificuldade que encontramos em colher as narrativas - sobretudo escritas mas também as estórias de Trancoso - pode ser explicada pelo fato de que os migrantes, ao chegar na cidade, se esforçam em apagar o estigma do camponês chegando na cidade que é sempre aplicada quando se fala de migrantes. Outras narrativas surgem e, geralmente, o maravilhoso volta com a presença do tema dos mundos subterrâneos que é actualizado com a referência à história recente.

Finalmente, algumas correspondências podem ser anotadas entre o processo narrativo e a descrição da realidade, a lógica fica para um nível mais profundo. Assim, na realidade como na ficção narrativa, há uma divisão do universo social entre os homens e as mulheres bem como uma continuidade entre o mundo dos homens e o sobrenatural. Essa bivalência se reencontra nas formas narrativas onde há uma impossibilidade em distinguir a realidade da ficção ou, o escrito da oralidade. O mundo sobrenatural omnipresente se integra numa representação do mundo necessariamente harmônica. Parece que teve uma acumulação de estórias que foram contadas e recontadas pelos diferentes locutores e poetas. Assim, fora a forma versificada, não existe diferenças fundamentais entre uma estória de Trancoso (oral) e um romance (escrito), ainda menos quando o romance é contado ou decorado. As duas formas adotam uma estrutura narrativa parecida, os personagens são os mesmos, o uso das figuras metafóricas é igual, etc. Ao contrário, parece que existe uma grande continuidade entre o oral e o escrito. Se a maior parte dos migrantes perdeu seus folhetos de cordel e seus romances, não quer dizer que os esqueceram. Graças à escritura, a leitura e à rememoração das poesias e das estórias, os migrantes defendem e reatualizam os seus valores culturais.

Os textos, que lembram um passado mas também um lugar de nascimento, tornam-se veículos de tradição e de identidade. Porém, na zona urbana, pode-se observar o desaparecimento progressivo das expressões da cultura tradicional como os dramas, a cura pelas plantas, os rituais e as procissões e, sobretudo os folhetos de cordel. Para os

migrantes, esse desaparecimento se acompanha da desagregação das relações sociais que existem nas zonas rurais. A organização espacial das cidades e sobretudo das periferias - conjuntos habitacionais e prédios - , destrói o tipo de sociabilidade tradicional baseada na família numerosa, no conhecimento mútuo e na vizinhança. Além disso a identificação dos leitores com os personagens diminui e explica, em parte, a indiferença dos mais jovens. Os filhos dos migrantes se sentem atraídos por outras formas culturais que são as da cultura urbana. Assim, quando se estuda a história dos folhetos de cordel, o seu modo de transmissão ou mesmo a vida dos poetas, parece que as criações narrativas e poéticas são estrangeiras ao universo urbano e que pertencem a uma cultura de migrantes de primeira geração, oriundos das zonas rurais ou continuando a ter fortes ligações com a comunidade de origem. Longe de ser uma reflexão pessimista sobre o desaparecimento total de uma cultura tradicional é um fenômeno clássico; o êxodo rural e a migração representam mutações tão radicais que justificam esse desaparecimento.

BIBLIOGRAFIA

BC : Biblioteca central

MCs : Mestrado de Ciências sociais

ML: Mestrado de Letras

AGIER, Michel

1995 Mobilidades : algumas formas recentes de diferenciação social
Imagens e identidades do trabalho (coll.), São Paulo, Huicitec, ORSTOM : 75-112.

AJARA, César (ORG.)

1993 Dynamiques du territoire : la population et les activités économiques
Problèmes d'Amérique Latine, 9, 45-72

ALBUQUERQUE, Ulises L. de

1989 *Um sertanejo e o sertão*
Belo Horizonte, Itatiaia.

ALMEIDA, Átila Alves A. F. ; ALVES Sobrinho, José

1978 *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*
João Pessoa, Campina Grande, UFPB, 2 t.

ANDRADE, Bonifácio (ORG.)

1981 *Migrações sazonais no Nordeste. Relatório de pesquisa*
Recife, MINTER, SUDENE.

ANDRADE, Gilberto Osório de

1979 *Migrações internas e o Recife*
Recife, IJNPS (BC)

ANDRADE, Ilza Araújo Leão

1987 *Mapeamento e análise dos conflitos urbanos em Natal*
Natal, Mimeogr. (MCs)

ANDRADE, Manuel Correia de

1974 *Cidade e campo no Brasil*
São Paulo, ed. Brasiliense.

1987 *Geografia econômica do nordeste : o espaço e a economia nordestina*
São Paulo, Atlas, 4 ed.

ARANTES, Antônio Augusto,

1982 *O trabalho e a fala. Estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*

São Paulo, Kairos, Funicamp.

ARAÚJO, Manoel Nazareno Nogueiro

1983 *História de São Gonçalo*
Natal, Noredeste Gráfica.

AYALA, Maria Ignez Novais

1988 *No arranco do grito, aspectos da cantoria nordestina*
São Paulo, Ática

BARREIRA, Irllys

1988 *Refazendo a política : as múltiplas faces do movimento social urbano*
São Paulo, USP (tese de doutorado) (MCs)

BERLINCK, Manoel Tosta ; HOGAN, Daniel J.

1978 Adaptação da população e 'Cultura da pobreza' na cidade de São Paulo :
marginalidade social ou relações de classes ?
in : *Cidade, usos e abusos*
São Paulo, editora Brasiliense

BOLLEME, Geneviève

1971 *La bibliothèque bleue. Littérature populaire en France du XVIe au XIXe siècle*
Paris, Julliard.
1986 *Le peuple par écrit*
Paris, Seuil.

BOUVIER, Jean claude

1987 Contes de l'écrit, contes de l'oral : l'opposition est-elle pertinente ?
In : *Littérature orale traditionnelle*
Actes du Colloque (20-22 novembre 1986)
Paris, Fondation Calouste Goulbenkian : 317-330.

BRASIL - SUDENE - DRH, UFPE - UFPB

1980 *Dinâmica das microrregiões de intensiva atividade migratória*
Recife, SUDENE, vol. 1, 2, 4.

CABANES, Robert

1995 Hommes et femmes entre culture d'entreprise et culture ouvrière. Un exemple
brésilien
In : *Salariés et entreprises dans les pays du sud. Contribution à une*
anthropologie politique (coll.)
Paris, Karthala.

CANDIDO, Antonio

1987 *Os parceiros do Rio Bonito*
São Paulo, liv. Duas Cidades.

CANTEL, Raymond

- 1993 *La littérature populaire brésilienne*
Poitiers, Centre de recherche latino-américaine.

CARLEAL, Adelita (ORG.)

- 1987 *Movimentos sociais urbanos e estado no nordeste. O caso de Fortaleza*
Fortaleza, Mimeiogr. (MCs)

CASCUDO, Luís da Câmara

- 1962 *Dicionário do folclore Brasileiro*
Rio, INL, MEC, 2º ed.
1947 *História da cidade do Natal*
Natal, prefeitura do município do Natal.

CAVIGNAC, Julie

- 1994 *Mémoires au quotidien. Histoire et récits du Rio Grande do Norte (Brésil)*
Université de Paris X - Nanterre, Tese de doutorado.
1995 Pour une approche anthropologique de s formes poétiques nordestines (Brésil)
Caravelle, LXV : 119-142.

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

- 1988 Nordestinos
Cadernos de migração, vol. 2.
1995 Migração de retorno
Travessia, maio-agosto, ano VII, n. 22

CLEMENTINO Maria do Livramento

- 1995 *Economia e urbanização. O Rio Grande do norte nos anos 70*
Natal, UFRN, CCHLA.

CHARTIER, Roger

- 1995 *Leituras, leitores e 'literaturas populares' na Europa do Renascimento*
MANA 1 (1) : 49-68.

COSTA, Idalina Farias

- 1986 *De lixo também se vive*
Recife, IJNPS, fundação Massangana.

COSTA, Manoel Augusto

- 1975 *Urbanização e migração urbana no Brasil*
Rio, IPEA-INPES (BC)
1975 *Estudos da demografia urbana*
Rio, IPEA-INPES. (BC)

CUNHA, Euclides da

1903 *Os Sertões*
Lisboa, Livros do Brasil, 3º ed. (1902).

CUNHA, Gersonete da

1991 *Natal, a expansão territorial urbana*
Natal, UFRN.

DE CERTEAU, Michel

1975 *L'écriture de l'histoire*
Paris, Gallimard.

DANTAS, Manoel

1941 *Homens de outrora*
Rio, Pngetti.

DOIMO, Ana Maria

1995 *A vez e a voz do popular. Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*
Rio de Janeiro, Relume Dumará, ANPOCS.

DUARTE, Luiz Fernando Dias

Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas
Rio de Janeiro, J. Zahar ; Brasília, CNPq. (BC).

DURHAM, Eunice Ribeiro

1984 *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*
São Paulo, Perspectiva (3ª ed.).

1986 *A sociedade vista da periferia*
RBCS, 1, vol. 1 : 84-99.

FELIPE, José Lacerda

1984 *Elementos de geografia do Rio Grande do Norte*
Natal, ed. Universitária

FLORES, Luis Felipe Baéta Neves

1995 *Mémoires migrants. Migration et idéologie de la mémoire sociale*
Ethnologie française, vol. 1, 25, 43-49.

GARCIA Jr. Afrânio

1989 *Libres et assujettis. Marché du travail et modes de domination au nordeste.*
Paris, EHESS.

GOODY, Jack

1977 Mémoire et apprentissage dans les société avec ou sans écriture : la transmission du Bagre

L'Homme, XVII (1) : 29-52.

1978 *La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage*
Paris, ed. de Minuit, traduction de Jean Bazin.

1986 *La logique de l'écriture. Aux origines des sociétés humaines.*
Paris, Armand Colin.

GRAFMEYER, Yves ; JOSEPH, Isaac (ORG.)

1990 *L'école de Chicago*

Paris, Aubier (Champ urbain).

GREIMAS, Algirdas Julien

1976 *Sémiotique et sciences sociales*
Paris, Seuil.

HOBBSAWN, E. J.

1987 *Mundos do trabalho, novos estudos sobre historia operaria*
Rio, Paz e Terra (BC)

HOLANDA filho, Sergio Buarque ; GRAHAM, Douglas H.

1984 *Migracoes internas no Brasil (1972-1970)*

São Paulo, Instituto de pesquisas economicas (BC)

KOWARICK, Lúcio

1987 Movimentos urbanos no Brasil contemporâneo : uma análise da literatura
Revista Brasileira de Ciências Sociais
São Paulo, Cortez, ANPOCS, 1(3) : 38-50. (Mcs)

1995 *Investigação urbana e sociedade*
São Paulo, ANPOCS - HUCITEC, 45-57.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1974 *Anthropologie structurale*
Paris, Plon (réed.).

1991 *Histoires de Lynx*
Paris, Plon.

LOPES, Policarpo

1993 La signification du culte et de la dévotion à Notre-Dame de Fatima dans la diaspora portugaise intra-européenne
In : *Ethnologie des faits religieux*
Paris, CTHS, 513-520.

MANDROU, Robert

1964 *De la culture populaire au XVII° et XVIII° siècles. La bibliothèque bleue de Troyes*

Paris, Stock.

MARTINE, George ; PELIANO, Jose Carlos P.

1978 *Migrantes no mercado de trabalho metropolitano*
Brasília, IPEA (BC)

MATA, Milton da ; CARVALHO, Eduardo Werneck R. de ; SILVA, Maria Therez

1973 *Migrações internas no Brasil: Aspectos economicos e demograficos*
Rio de Janeiro, IPE-INPES. (BC).

MATTOS, Cláudia Neiva de

1994 *A poesia popular na República das Letras. Sílvio Romero folclorista*
Rio de Janeiro, UFRJ, MINC, FUNARTE.

MAXADO, Franklin

1980 *O que é a literatura de cordel ?*
Rio, Codecri.

MELO, Josemir Camilo de Melo

1996 *Seca, ferrovias e mais~ao de obra (seculo XIX)*
Raizes, ano XV, 12 : 147- 156.

MELO, Veríssimo de

1973 *Ensaio de antropologia brasileira*
Natal, Imprensa Univ., UFRN.

MENEZES, Marilda Aparecida de (ORG.)

1992 *Histórias de migrantes*
São Paulo, ed. Loyola, CEM.

1996 *Trabalhadores camponeses migrantes. Historias de vida e identidade*
Raizes, ano XV, 12 : 147- 156.

MORICE, Alain

1993 *Une légende à revoir : l'ouvrier du bâtiment brésilien dans feu ni lieu*
Cahiers des Sciences Humaines, 29 (2-3) : 349-371.

NOVAES, Adauto (ORG.)

1992 *Tempo e história*
São Paulo, Cia das Letras, secr. Municipal da Cultura.

NUNES, Brasilmar Ferreira (coord.)

1981 *Nordeste, as pequenas cidades e o planejamento local*
Fortaleza, Banco Do Nordeste Do Brasil, ETE. (MCs)

OVERING, Joana

1995 O Mito como história : um problema de tempo, realidade e outras questões
MANA, 1(1) : 107-140.

PACHECO, Claudia ; AZEVEDO Barbalho Dagmar

1986 As favelas de Natal : uma alternativa de sobrevivência
Entretextos, N. 4 , Natal, CCHLA - UFRN : 42-54.

PERLMAN, Janice E.

1977 *O mito da marginalidade. Favelas e politica no Rio de Janeiro*
Rio, Paz e Terra, 2* ed. (trad. Wldivia Marchiori Portinho) (BC)

POMBO, Rocha

1922 *História do estado do Rio Grande do Norte*
Rio, Porto, Renascença portuguesa,

PRICE, Richard

1994 *Les premiers temps. La conception de l'histoire des marrons Saramaka*
Paris, Seuil.

ROMERO, Silvio

1954 *Folclore brasileiro.*
Cantos populares do Brasil, t. I, Contos populares do Brasil, t. II
Rio, José Olympio, 2° ed.

1977 *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*
Petrópolis, Vozes, 2° ed.

SALLES, Vicente

1971 Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes
Rev. Brasileira de Cultura, III (9) : 87-102.

1985 *Repente e cordel. Literatura popular em verso na Amazônia*
Rio, FUNARTE, INF

SANTOS (Org.), I. Fonseca dos

1993 *Cancioneiro da Paraíba*
João Pessoa, Grafset (ML)

SANTOS, Hilton

1978 *Pobreza urbana*
São Paulo-Recife, HUICTEC/UFPE/CNPq (BC).

SARTI C. A.

1995 São os migrantes tradicionais?

Travessia, CEM, ano VIII. 23 : 11-13.

SIGAUD, Lygia

1993 Des plantations aux villes : ambigüités d'un choix

Études rurales, 131-132, 19-37.

SHILS, Edwards

1981 *Tradition*

London, Faber & Faber.

SORIANO, Marc

1977 *Les contes de Perrault. Culture savante et traditions populaires*

Paris, Gallimard (Tel), 2° ed.

SOUZA, Eloy de

1938 *O calvário das secas*

Natal, Imprensa oficial.

SOUZA, Itamar

1976 *Migrações para Natal, análise sociológica do processo migratório*

Natal, UFRN (BC).

1981 *São Gonçalo do Amarante*

Natal, Fundação José Augusto, centro de pesquisas 'Juvenal Lamartine'

SUDENE

1980 *Dinâmica das microregiões de intensa atividade migratória*

Recife, SUDENE, UFPE, Joao Pessoa, UFPB (BC)

TEDLOCK, Dennis

1971 On the translation of style in oral narrative

Journal of American Folklore 84 : 114-133.

1983 *The spoken word and the work of interpretation*

Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

1988 The witches were saved. A Zuni origin story

Journal of American Folklore 101 : 312-320.

TELLES, Vera da Silva

1993 Pauvreté et citoyenneté, dilemne du Brésil contemporain

Problèmes d'Amérique Latine, 9, 73-85.

TERRA, Ruth Brito Lemos

1983 *Memória de Lutas. Literatura de folhetos no Nordeste, 1893-1930.*

São Paulo, Global ed.

VARGAS, Não.A.

1987 *Beiradeiros do Baixo Açú. Canto e lamento de Rafael Archanjo da Costa*
Rio de Janeiro, MEC, FUNARTE.

VELHO, Gilberto

1973 *A utopia urbana : um estudo de antropologia social*
Rio de Janeiro, Zahar ed.

VELHO, Gilberto (org,)

1980 *O desafio da cidade*
Rio de Janeiro, Campus.

VELHO, Otávio G.

1967 *O fenómeno urbano*
Rio de Janeiro, Zahar ed.

WEFFORT, Francisco C.

1979 *Nordestinos em São Paulo : notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular*

In : VALLE, Edenio ; QUEIROZ, José (ORG.) : *A cultura do povo*
São Paulo, Cortez e Moraes, EDUC, 13-23

YATES, Frances A.

1966 *The art of Memory*
London, Henley, Routledge and Kegan.

ZUMTHOR, Paul

1980 *L'écriture et la voix. Littératures populaires, du dit à l'écrit*
Critique 394 : 228-239.

1982 *De l'oralité à la littérature de colportage*
Paris, Ed. de Minuit, in : "L'écrit du temps" 1 : 129-140.

1983 *Introduction à la poésie orale*
Paris, Seuil..